



**Universidade Federal Do Rio De Janeiro**  
**Escola Politécnica**  
**Programa De Engenharia Urbana**

Dulciléa de Oliveira Santos dos Reis

**CIDADE DE NOVA IGUAÇU: DE FREGUESIA NOSSA SENHORA DA  
PIEDADE DO IGUASSÚ A (RE) PRODUÇÃO DE UMA EXÓPOLIS**

Rio de Janeiro – RJ  
2015



**UFRJ**

Dulciléa de Oliveira Santos dos Reis

**CIDADE DE NOVA IGUAÇU: DE FREGUESIA NOSSA SENHORA DA  
PIEDADE DO IGUASSÚ A (RE) PRODUÇÃO DE UMA EXÓPOLIS**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional de Engenharia Urbana, Escola politécnica, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Engenharia Urbana.

Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup> Elaine Garrido Vazquez

Rio de Janeiro – RJ  
2015

Reis, Dulciléa de Oliveira Santos dos  
Cidade de Nova Iguaçu: de Freguesia Nossa Senhora da Piedade do Iguassú a  
(re) produção de uma Exópolis/Dulciléa de Oliveira Santos dos Reis – 2015

Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola Politécnica, programa de  
Engenharia Urbana  
96 f.: 37 il;

Orientadora: Elaine Garrido Vazquez

1.Nova Iguaçu. 2. Urbanização. 3. Exópolis. I.Vazquez, Elaine Garrido.II.  
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola Politécnica III. Título



**UFRJ**

**CIDADE DE NOVA IGUAÇU: DE FREGUESIA NOSSA SENHORA DA  
PIEIDADE DO IGUASSÚ A (RE) PRODUÇÃO DE UMA EXÓPOLIS**

Dulciléa de Oliveira Santos dos Reis

Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup> Elaine Garrido Vazquez

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional de Engenharia Urbana, Escola politécnica, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Engenharia Urbana.

Aprovada pela Banca

---

Presidente: Professora Dr<sup>a</sup> Elaine Garrido Vazquez

---

Professor Dr<sup>o</sup> Camilo Michalka

---

Professora Dr<sup>a</sup> Claudia Ribeiro Pfeiffer

---

Professora Dr<sup>a</sup> Jeanne Marques Machado

Rio de Janeiro - RJ  
2015

“... É impossível dizer em  
quantas velocidades diferentes se move  
uma cidade a cada instante...”.

Ferreira Gullar, “Velocidades” (Poema Sujo).

## **DEDICATÓRIAS ESPECIAIS**

Dedico este trabalho a Severina, uma grande mulher, que me proporcionou chegar até onde cheguei e me levou a lutar pelo que eu queria ser. Obrigada por tudo mãe adorada.

Dedico também este trabalho a meu marido Almir pela paciência dada a minha ausência em muitos momentos de nossas vidas. Obrigado amor de minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar a Deus pela minha vida, pelo meu saber e por tudo que sou.

Quero agradecer a minha querida mestra Elaine Garrido Vazquez, que por sua simpatia, sabedoria e paciência, levou-me a escolhê-la como minha orientadora.

Quero agradecer a meus filhos pelo respeito a minhas ideias.

Quero agradecer a cidade de Nova Iguaçu onde conheci meu amor, onde criei meus filhos Rafael e Renato, onde cuidei e enterrei minha mãe adorada, onde finquei meus alicerces e pude conhecer meus netos Yasmin e Thiago Almir.

Quero agradecer a todos os mestres, pois sem eles eu não teria o conhecimento para escrever uma dissertação de mestrado.

Quero agradecer por fim ao tempo, pois hoje sei que há tempo para tudo. Tempo para ler, para escrever, para pesquisar, para aprender e para ser.

## RESUMO

REIS, Dulciléa de Oliveira Santos dos. **Cidade de Nova Iguaçu: de Freguesia Nossa Senhora da Piedade do Iguassú à (Re) Produção de uma Exópolis**. Rio de Janeiro, 2015. Dissertação (Mestrado) – Programa de Engenharia Urbana, Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

O processo de urbanização da Cidade de Nova Iguaçu, território situado na baixada fluminense da região metropolitana do Rio de Janeiro, que desde os primeiros assentamentos coloniais baseado em doações de sesmarias contribuíram para a formação de grandes latifúndios, passando à Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Iguassú, primeira organização espacial, indo depois à condição de Vila Iguassú, distrito sede e, que mais tarde veio a ser chamada de Nova Iguaçu. Após as perdas territoriais emancipatórias passa a ser chamada de Cidade de Nova Iguaçu e se reorganiza economicamente dentro de sua condição sócioespacial se tornando uma cidade importante para a metrópole dada à sua multiplicidade de atividades econômicas. Apresenta uma urbanização crescente e desordenada. Com uma centralidade típica de grandes centros urbanos, mas em menor escala. A sua periferia ainda é desprovida de uma infraestrutura básica, embora hoje se perceba uma transformação crescente em direção ao seu interior com o surgimento de parcelamentos horizontais cercados que não se caracterizam como cidade, mas que por apresentarem uma organização e planejamento urbano em áreas antes consideradas rurais, vão conferindo uma roupagem urbana ao território de forma isolada. O objetivo dessa pesquisa é discutir o fenômeno urbano Exópolis buscando o seu entendimento e terá como metodologia pesquisas e estudos já realizados por alguns autores, entre eles, Soja (2000) e Simões (2006), que discutem sobre as novas formas de urbanização das cidades, a fim de analisar se as transformações sócioespaciais, que ocorrem em Nova Iguaçu podem ser consideradas como o fenômeno urbano Exópolis.

**Palavras chaves:** Nova Iguaçu, Urbanização, Exópolis



## Abstract

REIS, Dulciléa de Oliveira Santos dos. **Cidade De Nova Iguaçu: De Freguesia Nossa Senhora Da Piedade Do Iguassú A (Re) Produção De Uma Exópolis.** Rio de Janeiro, 2015. Dissertação (Mestrado) – Programa de Engenharia Urbana, Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

The process of urbanization of the city of Nova Iguaçu, territory located in the Baixada Fluminense the metropolitan region of Rio de Janeiro, which from the earliest colonial settlements based on land grants donations contributed to the formation of large estates, passing the Parish of Our Lady of Mercy the Iguassu, first space organization, going after the condition of Iguassu village, district headquarters and which later came to be called Nova Iguaçu. After the emancipatory territorial losses happens to be called Nova Iguaçu City and reorganizes itself economically within their socio-spatial condition becoming an important city to the metropolis given to its multiplicity of economic activities. It presents a growing and uncontrolled urbanization. With a typical centrality of large urban centers, but on a smaller scale. Its periphery is still lacking in basic infrastructure, although today is perceived a growing transformation towards the inside with the emergence of surrounded horizontal installments which are not characterized as a city, but because they have an organization and urban planning in areas previously considered rural, will confer an urban garb to the territory in isolation. The objective of this research is to discuss the Exópolis urban phenomenon seeking your understanding and will methodology research and studies conducted by some authors, among them Soja (2000) and Simões (2006), to discuss the new forms of urbanization of cities in order to analyze if the socio-spatial transformations occurring in Nova Iguaçu can be considered as the Exópolis urban phenomenon.

**Key words:** Nova Iguaçu, Urbanization, Exópolis.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>01</b>
1.1	Objetivo	08
1.2	Justificativa	09
1.3	Metodologia	10
1.4	Estrutura da Pesquisa	10
<b>2</b>	<b>UMA BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA SOBRE NOVA IGUAÇU</b>	<b>12</b>
2.1	Terras de Iguazu	12
2.2	A decadência da Vila Iguassu	15
2.3	A fragmentação das terras de Iguassu	17
2.4	O ciclo econômico da laranja na cidade perfume	19
2.5	O fim dos laranjais, as emancipações e os novos ciclos econômicos	22
<b>3</b>	<b>A ESTRUTURA SOCIOESPACIAL DA CIDADE</b>	<b>33</b>
3.1	O eixo da Via Dutra	34
3.2	O eixo da Via Light	36
3.3	O eixo central	39
3.4	O eixo Avenida Abílio Augusto Távora	44
3.4.1	A Pedreira Vigné	47
3.5	A diferenciação social e a transformação da violência iguaçuana: dos justiceiros aos traficantes de drogas	53
<b>4</b>	<b>AS IDEIAS SOBRE A PÓS-METRÓPOLE</b>	<b>57</b>
4.1	Os fenômenos urbanos segundo Edward. W. Soja	58
4.2	Os estudos de Manoel Ricardo Simões	64
4.3	Um modelo de Exópolis brasileira	66
4.4	As impressões da autora sobre a cidade Iguazuana	70
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>77</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>81</b>

## LISTAS DE FIGURAS

- Figura 1: Município de Nova Iguaçu - território antes das emancipações
- Figura 2: Município de Nova Iguaçu - território após as emancipações
- Figura 3: Região metropolitana do Rio de Janeiro
- Figura 4: Mapa da Vila de Iguassu 1837
- Figura 5: Planta hydrotopográfica da estrada do comércio
- Figuras 6a e 6b: Estrada real do comércio – Início/Estrada real do comércio – Serra
- Figura 7: Estrada de ferro- estação Queimados
- Figura 8: Ruína da Vila Iguassu, situada em Tinguá
- Figura 9: Fazenda São Bernardino
- Figura 10: Laranjais
- Figura 11: Cultivo da laranja
- Figura 12: Rua Getúlio Vargas, em 1930, onde viviam as famílias abastadas da região
- Figura 13: Lar de Joaquina, casa de 1930
- Figura 14: Nova Iguaçu - 1939
- Figura 15: Nova Iguaçu, 1940
- Figura 16: Municípios Estrela e Iguassu I
- Figura 17: Municípios Estrela e Iguaçu II
- Figura 18: Atuais municípios da baixada fluminense
- Figura 19: As emancipações e os novos municípios
- Figura 20: Unidades Regionais de Governo
- Figura 21: Eixos Via Dutra, Via Light, Centro, Avenida Abílio Augusto Távora

Figura 22: Eixo Via Dutra

Figura 23: Projeto para novo viaduto

Figura 24: Eixo Via Light

Figura 25: Pólo Gastronômico I – Via Light

Figura 26: Pólo Gastronômico II – Via Light

Figura 27: Mapa da área central de Nova Iguaçu

Figura 28: Vista aérea da área central de Nova Iguaçu

Figura 29: Central de Tratamento de Resíduos – Adrianópolis/Nova Iguaçu

Figura 30: Avenida Abílio Augusto Távora (estrada de Madureira)

Figura 31: Entroncamento no km32 entre a BR-465 e a RJ-105

Figura 32: Rua Manoel Coelho, CAONZE

Figura 33: Vista da cratera do vulcão

Figura 34: Devastação ambiental na área de lavra da pedreira Vigné

Figura 35: Maquete do shopping Nova Iguaçu

Figura 36: Planta baixa L 1- expansão do Top shopping

Figura 37: Antiga Rio-São Paulo – km 32

Figura 38: Complexo urbano Alphaville

Figura 39: Expansão urbana de Nova Iguaçu

Figura 40: Área da antiga fazenda Cabuçu

Figura 41: Projeto Paradiso- A nova Iguaçu

Figura 42: Cidade de Nova Iguaçu

## **LISTAS DE QUADROS**

Quadro 1- histórico cronológico de Nova Iguaçu

Quadro 2- Sistematização de Edward William Soja – Pós-metrópole

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACINI - Associação dos Comerciários de Nova Iguaçu

APA – Área de Proteção Ambiental

BIDs – Business Improvement Districts

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEPERJ – Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos

CTN – Código tributário Nacional

IBGE – Instituto Brasileiro

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPTU – Imposto Territorial Predial

ITR – Imposto Territorial Rural

ISP – Instituto de Segurança pública

ONU – Organização das Nações Unidas

PIB – Produto Interno Bruto

SPI - Setores de Planejamento Integrado

TCERJ – Tribunal de contas do Estado do Rio de Janeiro

UFFRJ – Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro

UPP – Unidade Pacificadora da Polícia

URGs – Unidade Regional de Governo

## 1– INTRODUÇÃO

O início de ocupação das terras que compõem o município de Nova Iguaçu, na segunda metade do século XVI, coincide com o processo de interiorização da colônia a partir da fundação da cidade do Rio de Janeiro, da exploração das terras para o cultivo da cana de açúcar e da corrida do ouro. Essas terras ficaram esquecidas desde a divisão do Brasil em Capitânicas Hereditárias.

A Baixada Fluminense começou a ser explorada em 1565, a partir da utilização da rede hidrográfica da Bacia do Rio Iguassu que deságua na Baía de Guanabara e da construção de caminhos de terra até alcançar as Minas Gerais.

Os índios tupinambás, primeiros “donos” de Iguassu, foram dizimados em incursões coloniais, lideradas ideologicamente pelos jesuítas José de Anchieta e Manoel da Nóbrega. A aliança dos tupinambás com os franceses foi fator importante para essa atitude por parte dos portugueses (VICENTE, 2008 apud BARROS, 2007).

A igreja católica exercia um papel importante no adensamento populacional, pois estabelecia capelas que reuniam moradores dos engenhos e fazendas locais, centralizando, assim, o fluxo de pessoas que iam aos poucos constituindo povoados que davam origem às freguesias.

Por outro lado os caminhos abertos e as rotas fluviais tinham a função de escoar a produção agrícola e aurífera até o porto do Rio de Janeiro. Para isso o porto Iguassu foi construído no povoado Nossa senhora da Piedade do Iguassu. Cabe citar que a capela tinha o mesmo nome e após considerável crescimento do povoado passou a ser Freguesia.

O caminho de Tinguá considerado caminho de terra firme passava no Engenho de Maxambomba e mais tarde se constituiria a nova sede do município com a chegada da ferrovia.

Essa configuração se deve ao fato dos transportes na colônia terem se organizados como “uma rede urbana do tipo “dentrítica” (em leque) e “macrocefálica” (SIMÕES, 2006), onde os pontos produtivos convergiam até o porto principal de exportação para a metrópole portuguesa”.

Com a queda da produção de ouro nas Minas Gerais, esses caminhos foram aos poucos se tornando inoperantes para o escoamento da produção de café que aumentava sensivelmente.

Entre 1811 e 1822, foi construída a “Estrada Real do Comércio”, a primeira estrada destinada ao escoamento da produção. Essa estrada começava na Vila de Iguassu e ia até o

Porto de Ubá (atual Andrade Pinto, distrito de Vassouras) ligando o rio Iguassu ao Paraíba alcançando então Minas Gerais.

A importância da Freguesia de Iguassu, a partir de então, cresceu consideravelmente e, em 1833, foi elevada à Vila constituindo-se de 6 Freguesias desanexadas da cidade do Rio de Janeiro. Foram elas: Nossa Senhora da Piedade do Inhomirim, São João Batista do Meriti, Santo Antônio da Jacutinga, N. S. da Conceição de Marapicu, Nossa S. do Pilar do Iguassú e N. S. da Piedade do Iguassú, a sede.

A Vila de Iguassú ainda seria extinta e retomada, perdendo nesse processo, a Freguesias de N. Senhora da Piedade do Inhomirim. A Vila de Iguassú ostentou a fama de vila mais próspera da província do Rio de Janeiro.

Após isso, outras melhorias foram sendo implantadas, como: a pavimentação em parte da Estrada Real do Comércio pelo Coronel engenheiro do corpo imperial de engenheiros<sup>1</sup>, Conrado Jacob Niemeyer, em 1836, a correção do curso do Rio Iguassú e a implantação de transporte de carga e passageiros, através de barco a vapor entre a então Vila de Iguassú e a Corte (NUNES, 2007).

Na década de 1850, com a construção da Estrada de ferro Dom Pedro II, que passava pelo Engenho de Maxambomba, a rota econômica mudou do curso fluvial para a ferrovia. Havia também a Estrada de Ferro Rio do Ouro, que servia as terras da fazenda São Bernardino.

Havia uma parada em frente à fazenda e que era acessada através da alameda de palmeiras imperiais, das quais, parte ainda subsiste. Acredita-se que o planejamento e a construção da fazenda tenham sido iniciados na mesma década, tendo sua conclusão e inauguração em 1875.

A Estrada de Ferro Rio do Ouro não tinha continuidade, sendo construída, a princípio para fins de implantação do sistema de abastecimento de água potável para a cidade do Rio de Janeiro

---

<sup>1</sup> Na América Portuguesa, o primeiro documento oficial que se conhece referente à formação de engenheiros militares é a carta régia datada de onze de janeiro de 1699, determinando a criação de uma “[...] escola de artilharia e architectura militar” na Bahia, no Rio de Janeiro [1699], no Maranhão [1699], em Recife [1701] e Belém do Para [1758] (REIS FILHO, 1968). Apesar de preferencialmente militar, voltada para as obras de defesa, a educação dos engenheiros militares os tornavam aptos a realizar obras de construção civil como pontes, colégios, chafarizes e igrejas. Os professores acumulavam a função para exercer, além da atividade docente, as de engenheiro, trabalhando a serviço da Coroa ou governadores em obras de defesa e elaboração de projetos de construção civil e particular. Principalmente, não devemos esquecer a sua intervenção ao nível de concepção, construção ou manutenção de equipamentos de defesa: fortes, fortins, fortalezas, redutos, etc.



Situada no território da Vila de Iguaçú, a Fazenda São Bernardino “é fruto indireto das atividades econômicas de sucesso e da fortuna do comendador Francisco José Soares”, figura com forte influência, na política da província, considerado o restaurador da Vila de Iguaçú, vindo a ser presidente de sua Câmara Municipal diversas vezes (BARROS, 1968).

Com o casamento da filha do comendador Soares, Cipriana Maria Soares, com Bernardino José de Souza e Melo, sobrinho de Jacinto Manoel de Souza e Melo, seu sócio e fundador da fazenda São Bernardino, houve a união das terras do comendador Soares e de Jacinto Melo.

A Fazenda São Bernardino ganhou destaque tanto pela imponência da construção, em estilo neoclássico, com cavalariças, garagem para carruagens, senzalas, habitações para escravos e engenhos de cana e mandioca, tanto pela produção e exportação de açúcar, farinha de mandioca, café e carvão.

Na segunda metade do século XIX muitas mudanças ocorreram como a inauguração da via férrea, o deslocamento do eixo econômico, as transferências da Matriz Paroquial e da Câmara Municipal para o Arraial de Maxambomba (atendido pela ferrovia), a febre amarela, a varíola, a Lei dos Sexagenários, Lei do Ventre Livre e Abolição da Escravatura, Proclamação da República, entre outros.

A Fazenda São Bernardino, compreendida dentro do território da vila Iguassu, perdeu a sua importância e passou a ser casa de campo e caça, já que sua produção não objetivava de todo fins comerciais, e sim, a produção de sustento da própria fazenda e das casas dos parentes dos proprietários, na então Vila de Iguassu.

A vila Iguassu entra em falência quando o transporte do café passa a ser feito pela ferrovia e não mais pelo porto Iguassu. A vila então passa a ser chamada de “Iguassu Velha” ou “Iguaçu Velho”.

O arraial de Maxambomba (aos pés do Maciço do Gericinó / Mendanha, no trecho conhecido como Serra de Maxambomba ou Serra de Madureira) progrediu rapidamente, sendo em 1891, elevado à condição de Cidade e distrito. (SIMÕES, 2006).

O recente constituído Município de Iguassu compunha 6 distritos em 1911: Queimados, Jacutinga, Nossa Senhora da Piedade de Iguassu, São João de Meriti, Santana das Palmeiras e Pilar (BIBLIOTECA DO IBGE, 2007).

Em 1916 o município Iguassu passa a se chamar “Nova Iguaçú”. Entre as décadas de 1930 e 1940, Nova Iguaçú ostentou “a maior produção de cítricos do país. Chegando a ser instalados oito pavilhões para armazenamento de laranjas e frutas outras” (NUNES, 2007).

A cidade passou a ser chamada “cidade perfume”, em função do odor exalado pela laranja, na época da floração, esse apelido se deve ao fato de quem passava, por exemplo, pelos trilhos da Ferrovia Central do Brasil (antiga D. Pedro II, durante o II reinado) não podia deixar de senti-lo. Com a segunda guerra mundial, houve uma crise na exportação da laranja que já era considerada uma superprodução, o que provocou o declínio da citricultura (NUNES, 2007).

O crescimento populacional nesse mesmo período foi enorme. As regiões mais próximas a sede eram mais urbanizadas resultando em uma ocupação desordenada sem o crescimento correspondente de uma infraestrutura.

A partir de 1940 a urbanização em Nova Iguaçu se intensifica com o processo de migração das regiões sudeste e nordeste e da imigração ocorrida durante a grande guerra. A prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro adota então medidas restritivas ao retalhamento das terras e as áreas em torno da linha férrea não estavam disponíveis (BARROS, 1968)

As terras da Zona Oeste da cidade ainda eram utilizadas pela agricultura e a favelização não supria a demanda crescente. Em nova Iguaçu havia uma facilidade por conta da necessidade dos produtores decadentes em vender suas terras.

Devido ao fato das estradas terem sido construídas voltadas para o centro onde se concentrava até então o escoamento da produção de laranja, houve um crescimento do comércio e dos serviços levando a uma dependência deste mesmo centro para locomoção ao Rio de Janeiro.

Os loteamentos mais afastados se estruturaram ao longo das estradas. Em 1938, com a construção da linha de transmissão da Light, as atividades do centro ficavam concentradas entre ela e a linha férrea. Do outro lado dessa última, havia a Serra de Madureira que era ocupada essencialmente por residências luxuosas entre a Pedreira Vigné e o bairro do km 11 e ao longo da via Dutra construída em 1950.

Os problemas do Município foram se agravando e as emancipações foram ocorrendo. Em 1943, Duque de Caxias e o distrito de São João de Meriti; em 1947, é a vez de Nilópolis.

Neste contexto, a cidade de Nova Iguaçu, perde uma boa parte de seu território, a além da decadência da produção de laranja e seu retalhamento, necessita de uma reestruturação produtiva. Por volta do final dos anos 70 e durante os anos 80 começa a investir na industrialização (SIMÕES, 2006).

Em 1990 e 1991, Nova Iguaçu perde os municípios de Queimados, Belford Roxo, Mesquita e Japeri em face de uma tensão-político social quanto à questão da priorização de obras por parte da prefeitura continuar voltada para o centro (Figuras 1 e 2).

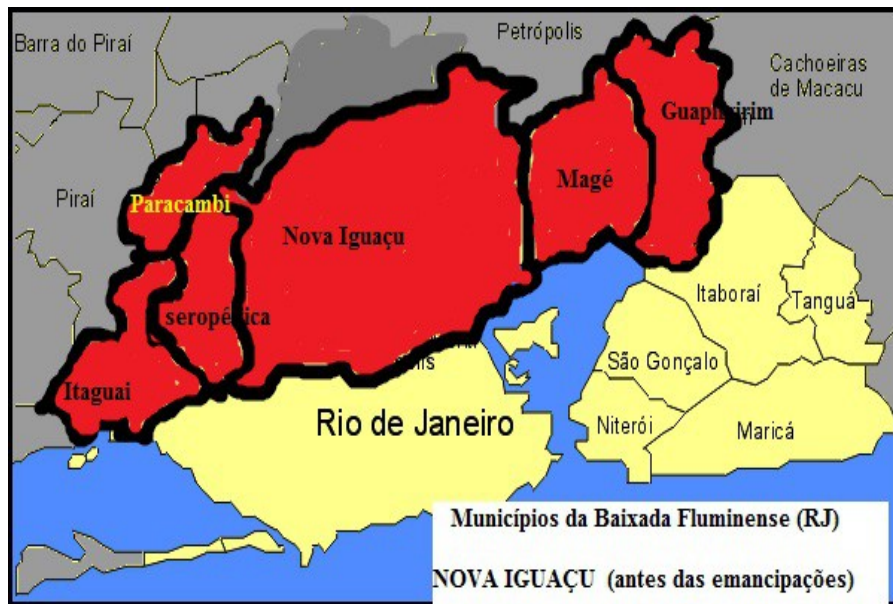


Figura 1 - Município de Nova Iguaçu após as emancipações.

Fonte: <http://www.compuland.com.br/sedec/cba1.html> Acesso Set/2015

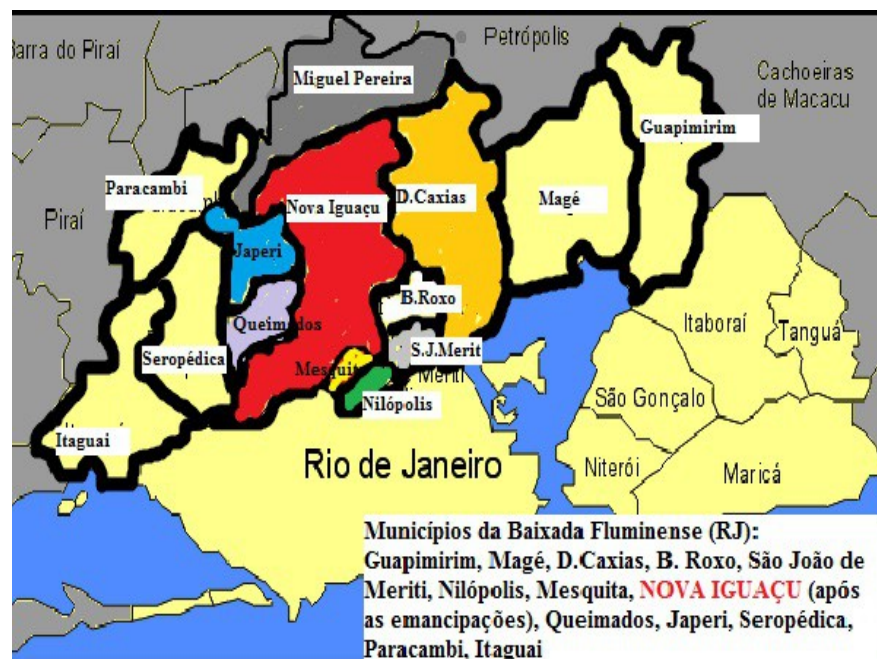


Figura 2 - Município de Nova Iguaçu – território antes das emancipações

Fonte: <http://www.compuland.com.br/sedec/cba1> Acesso set/2015

Após as emancipações ocorridas foram implantadas as chamadas URGs (Unidades Regionais de Governo), No plano diretor de 1997, “houve uma intensa fragmentação territorial que implica na criação de micro unidades que dificilmente alcançarão os requisitos necessários para a aprovação de um processo de emancipação”. (SIMÕES, 2006).

Administrativamente Nova Iguaçu está dividida em SPIs (Setores de Planejamento Integrado), as URGs e bairros. As URGs estão oficialmente agrupadas em SPIs levando em conta a posição geográfica e a história da ocupação. As URGs estão dispostas por número da seguinte forma: URG I: Centro; URG II: Posse, URGIII: Comendador Soares, URG IV: Cabuçu, URG V: Km 32, URG VI: Austin, URGVII: Vila de Cava, URG VIII: Miguel Couto, URG IX: Tinguá.

Nova Iguaçu, apesar das perdas de território, ainda é considerada o maior município da baixada fluminense em extensão territorial (11% da região metropolitana), possui uma centralidade bastante significativa em relação aos demais municípios vizinhos.

Economicamente parte de seu potencial ainda depende da metrópole, o que dificulta o desenvolvimento de algumas atividades. Nova Iguaçu não mais pode ser considerada uma cidade-dormitório como nos anos 70 e 80, já que mais da metade de sua população trabalha no centro iguaçuano (SIMÕES, 2006).

Nova Iguaçu em relação a sua história possui uma característica dinâmica de ocupação e desenvolvimento com fluxo intenso de pessoas mercadorias e serviços prestados com as mesmas funções da metrópole, porém em escala e tamanho menor (SIMÕES, 2006).

Segundo dados do IBGE (2010), Nova Iguaçu apresentava em 2014 uma população estimada em 806.177 habitantes, uma área de 521, 249 km<sup>2</sup> e um PIB anual de cerca de 3 bilhões de reais.

De acordo com as estimativas de população dos municípios e unidades da federação Brasileira, em 1º de julho de 2015, o Brasil possui 5.570 municípios, distribuídos entre as 27 Unidades da Federação. Nova Iguaçu ocupa a 6ª posição entre os 20 municípios brasileiros (excluindo-se as capitais), que possuem mais de 500 mil habitantes. (IBGE, 2015)

Estando o Município situado geograficamente na Região Metropolitana da Capital do Estado do Rio de Janeiro (figura 3), na Região Sudeste do país, é um dos maiores centros de comércio e serviços às margens das mais importantes rodovias e ferrovias do país.

Seu IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 0, 762 o coloca na 17ª posição no *ranking* de cidades com população total entre 500 mil e 1 milhão de habitantes. É importante observar que o IDH varia de 0 a 1 (CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU, 2012).

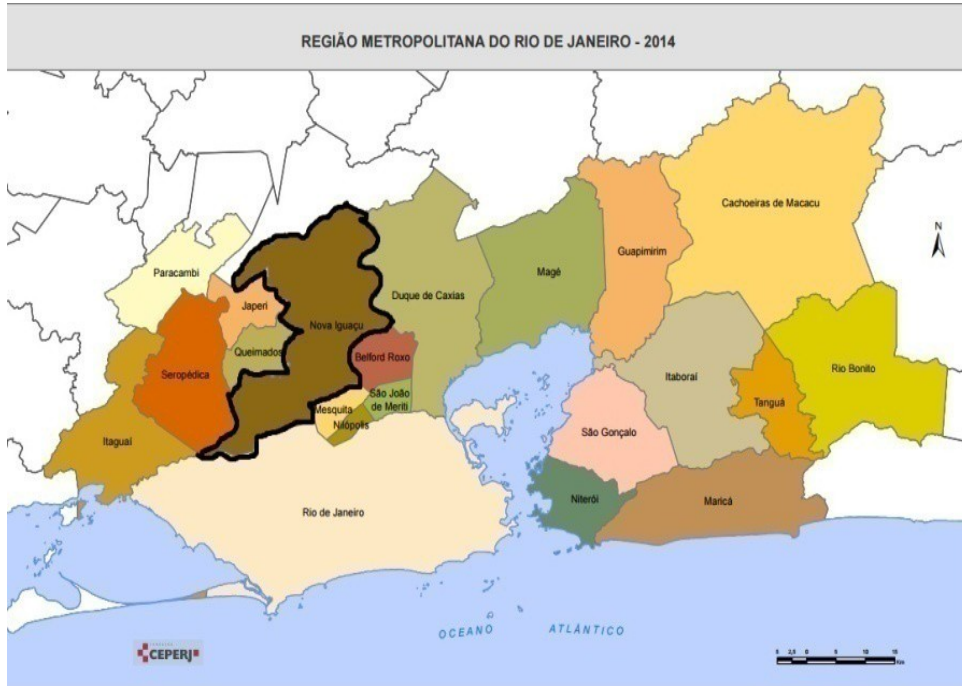


Figura 3 - Região metropolitana do rio de Janeiro

Fonte: [www.Ceperj.rj.gov.br](http://www.Ceperj.rj.gov.br). Acesso em Jul/2014

Segundo Ozório (2007), Nova Iguaçu encontra-se no quinto ciclo econômico formado por loteamentos e comércio e serviços. Os anteriores foram: ouro, café, laranja e loteamentos (ao mesmo tempo) e a industrialização.

Ela expande-se horizontalmente e verticalmente em sucessivos loteamentos e, ao mesmo tempo, assiste ao adensamento, a verticalização da sua área central bem como o aumento do centro de comércios e serviços.

Essa cidade para ser mais bem entendida em sua complexidade precisa ser estudada sobre uma nova perspectiva de avaliação onde os aspectos sociais, ambientais, físico, econômicos, políticos, culturais devem ser considerados como um todo e não em partes isoladas.

A cidade de Nova Iguaçu, em seu núcleo central urbano, apresenta uma complexa configuração sócioespacial, onde se observa uma dinâmica muito parecida com a cidade do Rio de Janeiro, sendo que em menor escala, mas que a consolida como um território de grande expansão e extensão urbana, apesar de suas diversidades e desigualdades entre o tecido urbano e o meio rural (SIMÕES, 2006).

Simões (2006) classifica Nova Iguaçu como “Exópolis”, de acordo com os estudos de Soja (2000), que caracteriza as Exópolis a partir de uma série de transformações ocorridas em um território. Essas transformações levam à reestruturação tanto das áreas urbanas, quanto das áreas mais isoladas, chamadas de rurais, ou seja, esses estudos “referem-se ao crescimento exterior da metrópole, à produção das cidades de margem e dos exúrbios: assentamentos periféricos aos subúrbios” (Soares, 2006) e também abordam as atuais mudanças das metrópoles mundiais tomando como base a globalização e suas condições sócioespaciais.

O conceito sobre Exópolis será abordado no item 4.1a fim de contextualizar a classificação de Simões (2006) sobre Nova Iguaçu.

Após a perda de grande parte de seu território de origem e a conseqüente queda na sua estrutura econômica em função do redimensionamento sócio espacial conseguiu reorganizar-se político, social e economicamente e manter uma relação significativa junto aos demais municípios da baixada fluminense.

A cidade então se firma como “cidade emergente”, que se localiza na região metropolitana do Rio de Janeiro, dita Baixada Fluminense, região “além” dos subúrbios da metrópole está em franco processo de expansão, uma vez que grupos privilegiados economicamente, provenientes da metrópole, ganham a direção para “além” dos subúrbios pela busca de segurança e *status* provocando uma nova segregação urbana, ou até mesmo potencializando a que já existe na região.

Nova Iguaçu se olhada de dentro para fora e de fora para dentro vê-se uma cidade em processo de renovação do tecido urbano central e uma grande expansão de sua periferia voltada para a urbanização.

Esse processo de expansão das cidades é um fenômeno que dentro do contexto de vários estudos a respeito é que dará a base para o estudo realizado nesse trabalho.

## **1.1 – OBJETIVO**

O objetivo dessa pesquisa é discutir o fenômeno Exópolis buscando o seu entendimento e verificar, baseado em pesquisas e estudos já realizados, se Nova Iguaçu pode ser considerada como uma Exópolis, a partir das transformações sócioespaciais sofridas ao longo da sua história, da perda de território com as emancipações, da segregação social existente desde a sua condição de vila, de seus ciclos econômicos, dos novos parcelamentos horizontais e verticais, que surgem na região e também, por suas peculiaridades de cidade interiorana da metrópole do Rio de Janeiro.

A pesquisa trará luz a outros trabalhos, que surgirão propondo novos conceitos a respeito do crescimento urbano de um determinado território. O estudo aqui desenvolvido é mais um para contribuir no processo do conhecimento coletivo sobre a cidade de Nova Iguaçu que tem uma significativa importância social, econômica e política dentro do Estado do Rio de Janeiro.

Este trabalho não tem a intenção de esgotar as questões abordadas em outros estudos e pesquisas, mas sim procurar evidenciar sobre um novo conceito, que vem sendo discutido ao se tratar do processo de urbanização das cidades.

Mesmo por que a dinâmica das cidades atuais requer uma constante avaliação e para isso, cada vez mais é preciso acompanhar os fenômenos urbanos para que se tenha uma projeção do futuro das cidades urbanas, que em seu contexto sócio espacial trará sempre novos conceitos em função de suas transformações.

## **1.2 - JUSTIFICATIVA**

A cidade de Nova Iguaçu situada na baixada fluminense que faz parte da região metropolitana do Rio de Janeiro com uma dimensão territorial de 521.249 quilômetros quadrados correspondendo a 9,8 % da área da região metropolitana.

De acordo com o censo IBGE de 2010, Nova Iguaçu tinha uma população de 796.257 habitantes. Para 2014, a população estimada é de 806.177. A densidade demográfica é de 1.527,60 hab/km<sup>2</sup>.

A cidade está em processo de transformações urbanas e cresce e se desenvolve consideravelmente, chamando a atenção de grandes construtoras e empreendedores, bem como de novos moradores, que buscam residir longe dos problemas existentes nas grandes cidades para obter melhor qualidade de vida. (ESTUDO SÓCIO ECONÔMICO DOS MUNICÍPIOS DO RIO DE JANEIRO – TCERJ/2011).

Nova Iguaçu nunca viu uma mudança tão rápida em sua forma urbana quanto em épocas anteriores. O fenômeno que ocorre na cidade vem suscitando estudos e pesquisas que procuram compreender essa rápida expansão da cidade.

Sua condição sócioespacial faz com que Nova Iguaçu seja objeto de várias classificações relacionadas à urbanização. A importância deste trabalho é desenvolver um estudo sobre a dinâmica urbana de Nova Iguaçu para que se possa classificá-la como Exópolis. (SIMÕES, 2006)

### 1.3 – METODOLOGIA

A pesquisa investigará por meio de trabalhos já realizados por pesquisadores e estudiosos, entre eles Simões (2006) e Soja (2000), sobre as novas formas de urbanização das cidades. Esses autores discutem a temática sobre a pós-metrópole e tecem considerações sobre os novos modelos de cidades a partir de suas transformações dada as características urbano-rurais de cada território estudado.

E nessas novas formas pesquisadas de se ver a cidade surge uma chamada Exópolis, que o pesquisador Simões (2006) comenta em sua tese de doutorado *Cidade estilhaçada: reestruturação econômica e emancipações municipais na baixada fluminense*.

O resultado desse estudo será a constatação de que esse fenômeno urbano Exópolis é o que, realmente, caracteriza Nova Iguaçu e assim, contribuir para futuros trabalhos que tenham como intuito a pesquisa sobre novos modelos de urbanização, que caracterizam as cidades em processo de crescimento sócioespacial e econômico.

### 1.4 - ESTRUTURA DA PESQUISA

O capítulo um apresenta o trabalho através da introdução, bem como traça o objetivo, as justificativas e metodologia utilizada, além de detalhar a estrutura da pesquisa da dissertação.

O capítulo dois aborda a história da cidade de Nova Iguaçu desde o seu surgimento como Vila Nossa Senhora da Piedade de Iguaçu nas margens do porto para o escoamento do ouro e do café (1º e 2º ciclo econômico) até a transferência para Maxambomba nas proximidades da estrada de ferro.

Trata da fragmentação do território após a segunda guerra, com a decadência dos laranjais e o surgimento dos loteamentos levando a autoconstrução. Trata também das emancipações, do crescimento populacional e o 3º ciclo econômico: a industrialização e como a cidade se reorganizou economicamente.

Destaca a questão sobre o plano diretor de 1997, que passa a considerar urbano, a maioria do território iguaçuano. Uma das justificativas para essa denominação deve-se ao fracionamento sofrido pelas emancipações e as conseqüentes alterações geoeconômicas.

Refere-se também, a revisão feita no plano diretor de 2008, que restabelece o estímulo ao desenvolvimento econômico das áreas rurais e enfatiza as áreas de preservação ambiental.

Traça definições sobre as categorias rural, urbano e cidade com o intuito de favorecer uma reflexão sobre Nova Iguaçu ser denominada cidade, no plano diretor de 1997, frente a seu contexto histórico.



O capítulo três descreve a estrutura espacial de Nova Iguaçu, separando-a em cinco eixos principais, identificando as suas características de urbanização e desenvolvimento; trata ainda, da segregação sócioespacial, cada vez mais presente na cidade devido a seu desenvolvimento e crescimento populacional, através da migração de classes ricas e pobres e ainda discute a questão da violência urbana emergente em função desse crescimento e de seu desenvolvimento sócio econômico.

O Capítulo quatro realiza uma breve abordagem sobre os seis discursos de Edward W. Soja. Esses discursos fazem parte da obra *Postmetropolis: estudos críticos sobre las ciudades y las regiones* ainda sem tradução para o português.

A obra *Postmetropolis* foi publicada em espanhol, por um projeto chamado traficantes de sueños, que não é uma editora, mas uma comunidade aberta, que tem licença para postar livros com a permissão dos autores.

Este capítulo também apresenta as ideias do autor Manoel Ricardo Simões (2006), em sua tese de doutorado, sobre Nova Iguaçu, em que trata da fragmentação da cidade e suas diversas centralidades e toma como referência a Exópolis, um dos discursos de Soja (2000).

A Exópolis se refere ao crescimento para além da metrópole, ou seja, o tecido metropolitano se estende sobre seu território originando novas formas espaciais urbanas. O surgimento de parcelamentos residenciais horizontais privados em locais próximo à natureza e longe da violência e do caos, o aparecimento de centralidades com ofertas de bens e serviços em menor escala e tamanho da área central, como faculdades, *shopping centers*, edifícios comerciais, hipermercados entre outros são algumas das características desse fenômeno.

Apresenta as ideias da autora sobre a pesquisa e discute sobre a afirmação de Simões (2006) com relação à Nova Iguaçu ser uma Exópolis através de suas impressões sobre a cidade.

O capítulo cinco trata das considerações finais sobre o estudo, onde aponta futuras pesquisas sobre o fenômeno iguaçuano uma vez que, este não se consolidou por estar ainda em curso.

## 2. UMA BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA SOBRE NOVA IGUAÇU

### 2.1 TERRAS DE IGUAÇU

O termo Iguaçú na língua guarani, deriva de ygu ("água", "rio") e asu ou Açú ("grande"), significa literalmente "água grande", ou seja, rio de "grandes águas".

O surgimento das terras de Iguaçú tem início aproximadamente, no ano de 1565 quando o 1º ouvidor do Rio de Janeiro, Cristovam Monteiro recebe “grande parte daquelas terras de Iguaçú”. “Uma légua de comprimento pelo rio acima e meia légua de largo de cada parte” (Dom Clemente Maria da Silva Nigra, IPHAN, 1943).

Em 1596, a marquesa Ferreira, viúva de Cristovam Monteiro doa meia légua das terras de Iguaçú ao Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, que mais tarde formaria a Fazenda de São Bento em Iguaçú.

De 1611 a 1646, na dita fazenda funcionou o 1º engenho de açúcar, que pelo pouco rendimento dada a qualidade do terreno alagadiço deixou de funcionar e outro engenho foi instalado em Vargem Pequena, no Rio de Janeiro. Nos anos de 1645 a 1648, a Igreja da fazenda foi edificada sob a administração do Frei Mauro das Chagas.

Já em 1698 inicia-se a abertura do Caminho (do ouro) inicialmente chamado “Caminho novo das Minas”. Para se alcançar esse caminho os barcos saíam do Cais dos Mineiros, ao pé do Morro de São Bento, Rio de Janeiro, navegando até o rio Iguaçú chegavam ao Rio Pilar (afluente do Iguaçú).

Em 1699 com o início da devoção a Nossa Senhora da Piedade do (rio) Iguaçú, origina-se a Freguesia Nossa Senhora da Piedade do Iguassú, cuja matriz seria estabelecida à margem direita do Rio Iguaçú. Nesse ponto cresceria a povoação de Iguassú (BARROS, 1968)

Em 1833, o Arraial de Iguassú com 6 freguesias é desmembrado do Rio de Janeiro e elevado à categoria de Vila e passa ser a capital. As freguesias eram chamadas de Nossa Senhora da Piedade do (rio) Inhomirim, São João Batista do (rio) Meriti, Nossa Senhora do (rio) Pilar, Santo Antônio da Aldeia de Jacutinga, Nossa Senhora da Conceição de Marapicu e Nossa Senhora da Piedade do (rio) Iguassú (sede da Vila de Iguassú). A freguesia de Inhomirim, após a extinção da Vila, não voltaria a fazer parte do município de Iguassú (BARROS, 1968)

No ano de 1837, o Coronel Engenheiro Conrado Jacob de Niemeyer providencia uma planta topográfica da Vila de Iguassú objetivando a abertura de um canal ligando o rio Utum

ao rio Iguassú para aumentar o volume de água e melhorar a navegação (figura 4). Em 1844, providencia também, uma planta hydrotopográfica (figura 5) da Estrada do Comércio entre os rios Paraíba e Iguassú (BARROS, 1968)

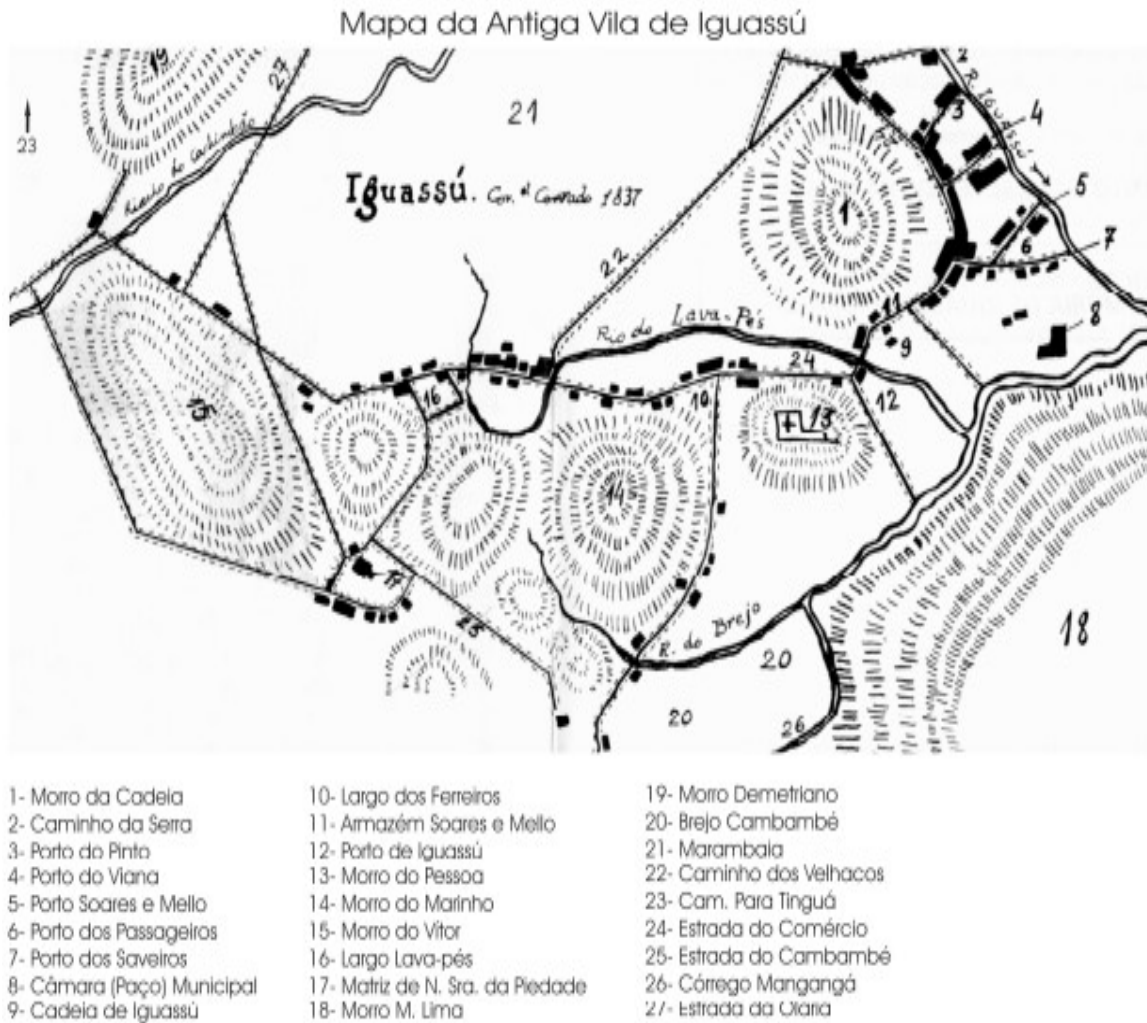


Figura 4 - Mapa da Vila Iguassu (1837)

Fonte: <http://redentor.inf.br/arquivos/pos/publicacoes/28032013Artigo%20de%20Genesis%20revisado.pdf>



A estrada Real do Comércio (figuras 6a e 6b), que fora idealizada em 1811 pela Real Junta do Comércio pode ser considerada a “1ª estrada brasileira aberta para o café”. A produção cafeeira do Maciço do Tinguá e vizinhança, áreas de influência do Caminho do Comércio descia pelo citado caminho e era embarcada nos vários portos do Rio Iguassú e destes partiam para o Rio de Janeiro (BARROS, 2011).

Em 1846 o Coronel Conrado providencia uma planta topográfica do Rio Iguassú indicando os principais acidentes geográficos e portos até então existentes.

A Estrada Real do Comércio por sua importância fez a Vila Iguassú se tornar a mais próspera vila da província do Rio de Janeiro.



Figura 6a - Estrada Real do Comércio-início

Figura 6b - Estrada Real do Comércio - serra

Fonte: <http://jornalfolhadoiguassu.blogspot.com.br>. Acesso em Maio/ 2013

## 2.2 - A DECADÊNCIA DA VILA IGUASSU

Em 1858 com o primeiro trecho da Estrada de Ferro de Dom Pedro II ligando o Rio de Janeiro a Queimados (pouso dos Queimados), o transporte do café é transferido para a Ferrovia (figura 7) levando ao esvaziamento da Vila de Iguassú (figura 8), na localidade próxima ao bairro de Tinguá. Em 2015, da antiga vila encontram-se apenas ruínas.

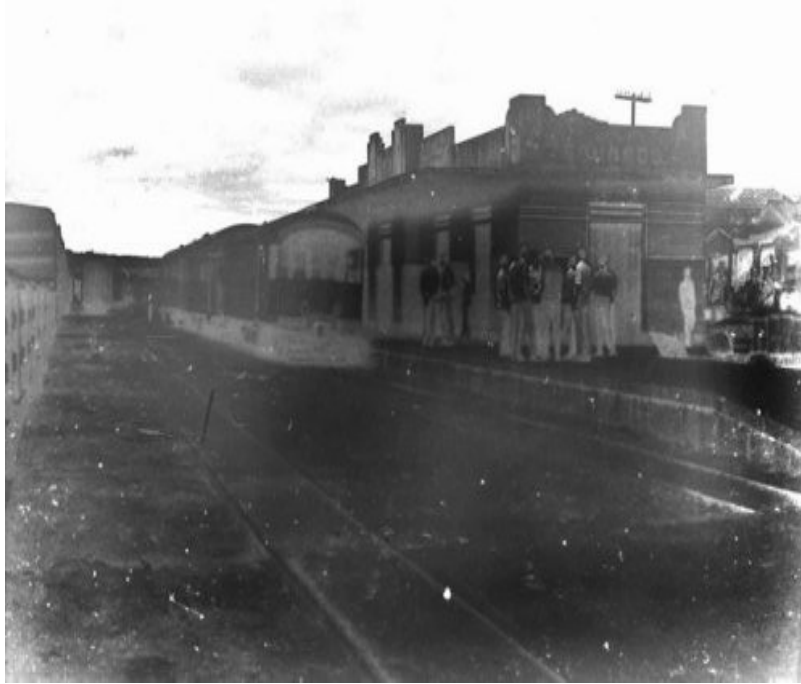


Figura 7 - Estrada de ferro - Estação queimados

Fonte: [http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb\\_rj\\_linha\\_centro/fotos/queimados\\_Sd.jpg](http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_linha_centro/fotos/queimados_Sd.jpg)  
Acesso em Ago/2015



Figura 8 - Ruínas da Vila de Iguçu, situada em Tinguá.

Fonte: [www.googleearth.com.br](http://www.googleearth.com.br). Acesso em Jul/2015.

Em 1862, a sede matriz da Freguesia de Santo Antônio é transferida para o Arraial de Maxambomba perto da ferrovia nas terras de São Bento.

Em 1891, a Vila Iguassú também é transferida para o arraial de Maxambomba aos pés do maciço de Gericinó/Mendanha, no trecho conhecido como Serra de Maxambomba (Serra de Madureira).

No mesmo ano, Maxambomba é elevada à condição de cidade, que compunha 6 distritos: Queimados, Jacutinga, Nossa Senhora da Piedade de Iguassú, São João de Meriti, Santana das Palmeiras e Pilar (BIBLIOTECA DO IBGE, 2007).

Somente após a transferência para Maxambomba a Estrada Real do Comércio foi pavimentada. O curso do rio Iguaçú foi corrigido a partir de 1847, por que tinha muitas sinuosidades, e juntar a ele, por meio de canal, as águas do rio Utum, visava o aumento do volume da vazão do Iguaçú. Com a transposição das águas do rio Utum para o rio Iguaçú, o transporte de cargas e passageiros foi intensificado.

Da Estrada do Comércio, existem ainda hoje alguns trechos, a maior parte, sumiu na floresta ou foi destruída. Grande parte da estrada, no topo da serra, está dentro da Reserva Biológica do Tinguá.

Em 1916, por influencia do político Manoel Reis, o nome de Maxambomba é mudado para Nova Iguaçú. Houve tentativas anteriores de mudança de nome, porém o Comendador Francisco Soares, enquanto presidente da câmara municipal de Maxambomba impedira a cidade de ser município independente da cidade do Rio de Janeiro.

Coincidentemente, neste mesmo ano, o Comendador Francisco Soares morre e deixa em testamento a doação de quatro fazendas (Madureira, Morro Agudo, Tinguá e São José abrangendo uma superfície de 745,3 alqueires) à Santa Casa da Misericórdia. Sua morte é considerada o marco para a intensa fragmentação de terra no território de Nova Iguaçú.

### 2.3 - A FRAGMENTAÇÃO DAS TERRAS DE IGUAÇU

O Comendador Francisco José Soares foi considerado o restaurador da Vila de Iguassú, dono de uma grande fortuna e com forte influencia na província do Rio de Janeiro, teve como sócio e genro Bernardino José de Souza e Mello, dono de uma das mais belas fazendas de toda a região, a São Bernardino, localizada dentro do território da Vila Iguassú.

O comendador possuía o sítio Caximbau e Bernardino por volta de 1861 compra um sítio da firma Soares & Melo e em 1862 adquire o sítio Bananal, vizinho do sítio Cachimbau. O sítio Bananal estava hipotecado a Francisco José Soares que abre mão da hipoteca em favor de Bernardino. Surge então o primeiro núcleo territorial da Fazenda São Bernardino.

A transferência da Vila Iguassú para Maxambomba e o consequente deslocamento do eixo econômico e as mudanças políticas, sociais e econômicas, que ocorreram na segunda metade do século XIX como: a lei dos sexagenários, a lei do ventre livre, a abolição da escravatura, a febre amarela e a varíola entre outras, levou a Fazenda São Bernardino a perder a sua importância.

Com abolição da escravatura não havia pessoal disponível para o trabalho agrícola e a ausência de capital não permitia seus donos arcarem com todos os custos do trabalho assalariado. Suas terras se encontravam improdutivas e abandonadas. A produção de sustento servia apenas à fazenda, que passa a servir somente como casa de campo e caça.

Assim, após a morte do Comendador, os herdeiros das terras doadas à Santa Casa, que tinham apenas o seu usufruto, mas não as propriedades, retalharam e venderam os lotes de terra ilegalmente.

A fazenda (figura 9), ainda em bom estado, foi vendida para Jácomo (ou Giácomo) Gavazzi e seu sócio João Julião pelos herdeiros de Bernardino, entre eles o Coronel Alberto de Melo, em 1917. Posteriormente João Julião vendeu sua parte para Jácomo Gavazzi.



Figura 9 – Fazenda São Bernardino

Fonte: <http://esteblogminharua.blogspot.com.br/2009/02/tristeza-da-fazenda-sao-bernardino.html>

Acesso em Ago/2015

Por sua vez, a Santa Casa fez o mesmo com as terras sob seu controle, sendo seguida pelos outros latifundiários, que enfrentavam dificuldades com a manutenção do trabalho assalariado, o que contribuiu para a fragmentação das terras para a venda aos pequenos agricultores, acelerando processo de fragmentação.



A fragmentação de terras contribuiu não só para o surgimento de inúmeras propriedades e o aumento da população rural composta de pequenos produtores, cuja mão-de-obra era familiar, como também para promover intensas lutas pela terra, pois estas que estavam sendo vendidas e arrendadas acabavam sendo ocupadas por ex-escravos e posseiros. Intensos conflitos ocorrem em Nova Iguaçu por conta da valorização da região trazendo a atuação de grileiros.

#### 2.4 - O CICLO ECONÔMICO DA LARANJA NA CIDADE PERFUME

No período de 1920 a 1950, o ciclo da laranja ficou em alta, pois as condições do solo iguaçuano aliado ao clima quente e úmido favoreciam o seu cultivo e desenvolvimento (figuras 10 e 11). Durante esses anos, Nova Iguaçu tornou-se a maior produtora de laranja do país exportando para São Paulo, Argentina e Europa. Esse fato trouxe o aumento da população rural, que em 1920 era em torno de 18.707 subindo para 43.167 em 1940 (SIMÕES apud SOUZA, 2006).



Figura 10- Laranjais

Fonte: <http://www.portalbaiadeguanabara.com.br>. Acesso em Ago/ 2013.



Figura 11 – cultivo da laranja

Fonte: <http://www.noticiasdenovaiguacu.com>. Acesso em Ago/2014.

Essa intensa imigração trouxe dois grupos distintos à região: o grupo que busca emprego e moradia no centro urbano e o grupo que se dirigia às áreas rurais em busca de oportunidades na citricultura. Este último era composto por pessoas de todo o Brasil e também do exterior, principalmente Portugal.

Na divisão administrativa referente ao ano de 1933, Nova Iguaçu foi dividida em 9 distritos, sendo 4 unicamente agrícolas: Nova Iguaçu (distrito sede), Cava, Queimados e Bonfim, Mesquita e parte de Belford Roxo, José Bulhões, São João de Meriti, Nilópolis e Duque de Caxias (estes dois últimos já eram tipicamente urbanos com uma população superior ao distrito sede).

A urbanização do distrito sede se dá lentamente devido à construção das “*Packing-houses*”, casas de beneficiamento e de embalagens para exportação e também ao surgimento do comércio, de escolas, bancos e igrejas para atenderem a população rural, que vivia no entorno do distrito sede.

A única área urbana ficava localizada no sopé da serra de Madureira formada por mansões (figuras 12 e 13). Seus proprietários, donos dos barracões, exportadores e profissionais liberais construíam suas residências nos morros, para evitar o tumulto do grande movimento comercial das áreas próximas à ferrovia e o calor das partes mais baixas. Esta área

ainda hoje é chamada de “o outro lado, habitada pelos mais ricos e onde há o maior valor do solo urbano em Nova Iguaçu” (SIMÕES, 2006).



Figura 12- Rua Getulio Vargas, em 1930, onde viviam as famílias abastadas

Fonte: <http://www.encontro2012.rj.anpuh.org>. Acesso em Jun/2015



Figura 13 – Lar de Joaquina, casa de 1930

Fonte: Simões, 2014

Em 1939 ocorre a maior produção de laranja da região e a partir de então se inicia um intenso processo de urbanização, que alcança as áreas rurais (figura 14).



Figura 14 – Nova Iguaçu - 1939

Fonte: [www.arinoscorrea.blogspot.com](http://www.arinoscorrea.blogspot.com). Acesso em Set/2013

## 2.5-O FIM DOS LARANJAIS, AS EMANCIPAÇÕES E OS NOVOS CICLOS ECONÔMICOS.

A segunda guerra mundial leva Nova Iguaçu a uma nova configuração de seu território e reforça a centralidade Iguaçuana. Surgem novas classes sociais e há a extinção de outras. A classe de maior poder aquisitivo local frente às transformações econômicas para manter sua posição econômica mudam suas antigas atividades para outras, enquanto a atividade agrícola diminui sensivelmente.

Durante a guerra, dada a interrupção do transporte marítimo da laranja impedindo sua exportação, ocorre um novo fracionamento das propriedades, pois era mais lucrativo loteá-las, do que recuperar a economia da citricultura. Naquele momento, os pequenos lotes dão início a venda direta ou construção de residências.

Ao término da segunda guerra a proibição da exportação para evitar o desabastecimento interno provoca o fim do ciclo econômico da citricultura no município.

No final de 1940, Nova Iguaçu sofre a mais intensa imigração em suas terras, isso se dá a uma farta quantidade de terras de baixo valor, já que na cidade do Rio de Janeiro os terrenos passam por uma valorização. Esse fato leva os imigrantes a fixar residência em terras iguaçuanas, pois Nova Iguaçu (figura 15) já oferecia as condições necessárias a uma população urbana.

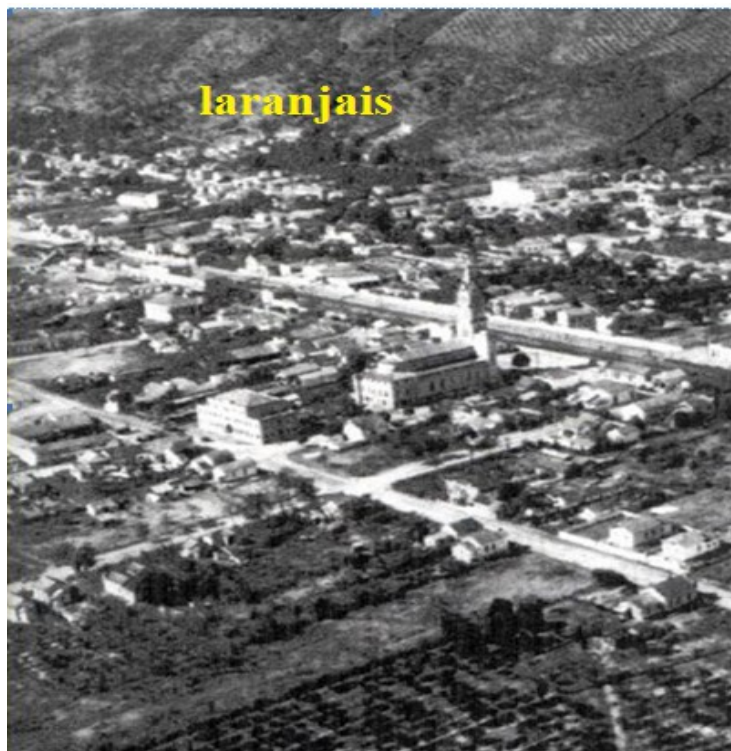


Figura 15 – Nova Iguaçu em 1940

Fonte: <http://www.xandrinho.com>. Acesso em Ago/ 2013

Nova Iguaçu se expande horizontalmente em milhares de loteamentos sem a mínima infraestrutura, onde se constata a autoconstrução de moradias para trabalhadores pobres que se mantêm empregados na cidade do Rio de Janeiro provocando um intenso fluxo diário, principalmente, através do eixo ferroviário. A cidade passa a ser denominada “Cidade Dormitório”.

A prefeitura de Nova Iguaçu ao se tornar refém desse processo reduz ao mínimo as exigências para a criação de loteamento e praticamente abandona a fiscalização de sua periferia provocando descontentamento por parte da população e assim dá início aos movimentos de emancipação de alguns distritos mais distantes do distrito sede.

Para tratar das perdas territoriais ocorridas em Nova Iguaçu é preciso lembrar o histórico anterior, quando se deram os primeiros desmembramentos: em 1789, foi criada a Vila Magé. Em 1833 é criada a Vila Iguaçu, desmembrada da província do Rio de Janeiro, e no ano de 1846, a partir da Vila Magé, surge o já extinto município Estrela (figuras 16 e 17). Estrela e Iguaçu deram início aos atuais municípios da baixada Fluminense (figura 18).



Figura 16 - Municípios Estrela e Iguaçu

Fonte: Simões, 2014

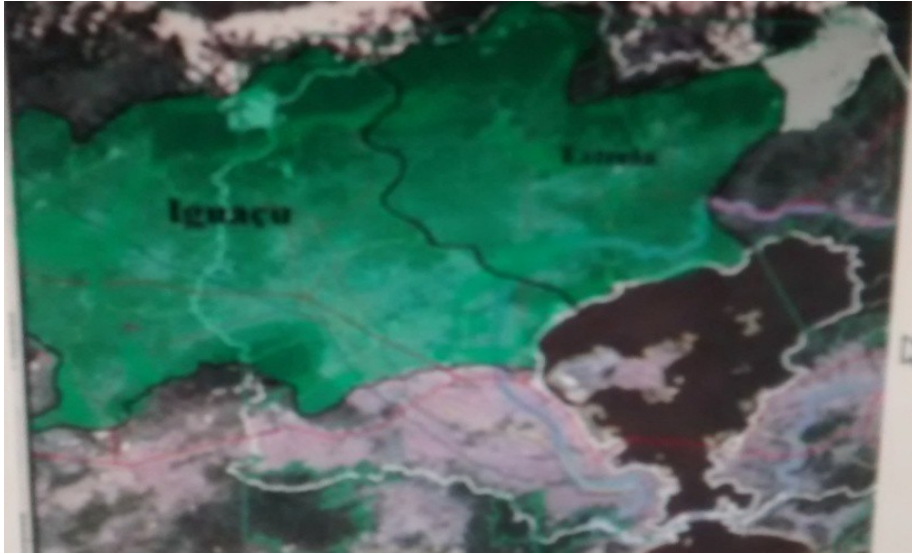


Figura 17 - Municípios Estrela e Iguassu

Fonte: Simões, 2014

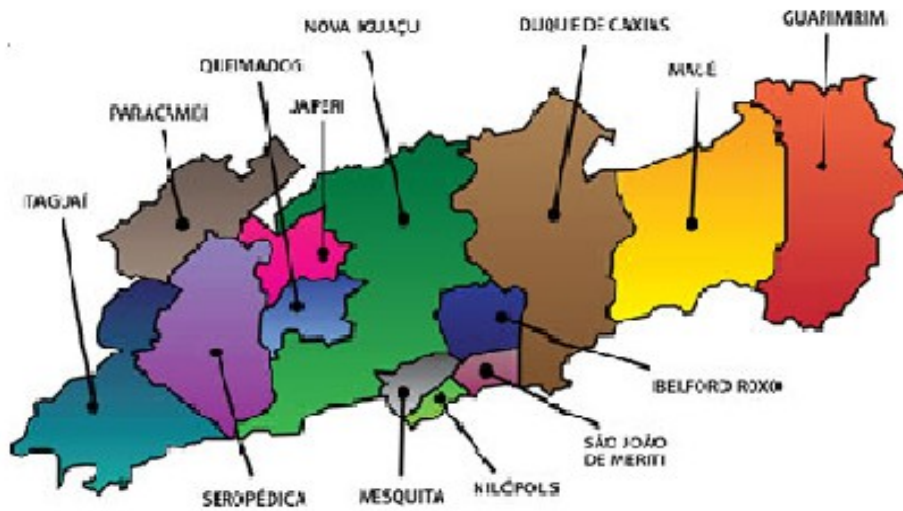


Figura 18 - Atuais municípios da baixada

Fonte: Simões, 2015

O crescimento populacional e a ausência de infraestrutura com uma ocupação irregular do território, que até hoje apresenta uma desorganização no uso e ocupação do solo com

imensos espaços vazios, trouxeram ao município diversos problemas sociais e políticos provocando assim os movimentos emancipatórios (SIMÕES, 2006).

Duque de Caxias, em 1943, emancipou-se juntamente com Meriti, Bonfim e Imbariê (ex-distrito de Estrela). Essa emancipação se deu através do interventor estadual Amaral Peixoto e foi “acompanhada pela mobilização de forças políticas e pelas elites locais a partir da União Popular Caxiense”.

Nova Iguaçu manteve todos os investimentos no município sede esquecendo-se dos seus distritos o que levou a uma insatisfação crescente e busca pela emancipação através de movimentos liderados por grupos de grande influência política. Nilópolis foi o segundo distrito a conseguir se emancipar quatro anos depois.

Em 1951, Nova Iguaçu sem uma boa parte de seu território começa a sofrer um processo de urbanização marcada pela construção de grandes casas em lotes acima de 200m<sup>2</sup> ao lado de pequenas casas construídas em lotes que variavam de tamanho e de vilas de forma desordenada diminuindo a característica rural.

As tentativas de emancipação cerceadas pelo governo militar sofrem um esfriamento e nos anos de 70 e 80, o município investe numa reestruturação econômica e começa a investir na industrialização ao longo da BR116 (rodovia federal Presidente Dutra), principal acesso entre Rio de Janeiro e São Paulo, deixando de lado a via férrea.

A abundância de água, a aquisição de grandes áreas a preços acessíveis, além de uma rodovia, foram os fatores cruciais para que as indústrias como Granfino, Café Pimpinela, Cia de canetas Compactor, Forjas Brasileira S.A. escolhessem a região.

Os movimentos emancipatórios recomeçam em 1983 e a partir de 1990 surgem novos municípios: Belford Roxo (1990), Queimados (1990), Japeri (1991), e Mesquita (1999) conforme ilustra a figura 19.





Figura 19 - As emancipações e os novos municípios

Fonte: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br>. Acesso em Ago/2013.

Com as emancipações sofridas, Nova Iguaçu teve grandes perdas em termos de arrecadação de impostos e de áreas estratégicas, como o Parque Industrial de Queimados e Belford Roxo.

Para evitar mais emancipações e conter as perdas, não somente territoriais, a prefeitura de Nova Iguaçu criou uma tática de ordenamento territorial que divide o município em Unidades Regionais de Governo – URGs (figura20) que têm por objetivo dificultar a emancipação dos distritos, já que as URGs são independentes umas das outras.

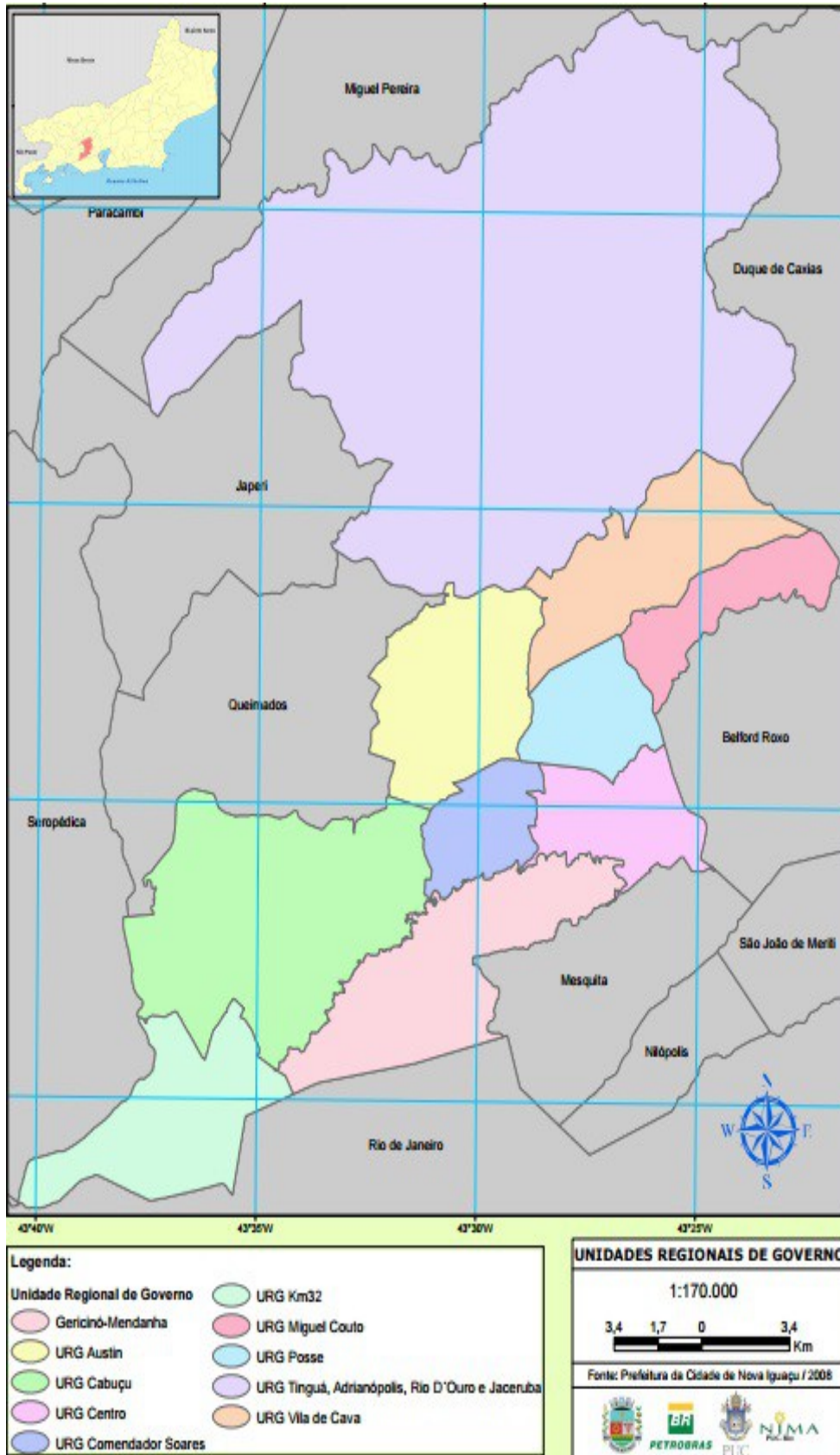


Figura 20 - Unidades Regionais de Governo

Fonte: <http://www.nima.puc-rio.br>. Acesso em Jun/ 2013

Ao longo do processo histórico (Quadro 1) Nova Iguaçu sofreu uma série de transformações em seu território, levando à reestruturação espacial, social, política e econômica, tanto no centro urbano, quanto nas áreas mais distantes (rurais).

Cenário que leva à abordagem estruturalista de Soja (2000), quanto ao processo de produção sócioespacial, conceituada por ele como pós-metrópole e dividida em seis discursos, entre eles a Exópolis.

Surgimento das terras de Iguaçu	1565
Abertura do caminho (do ouro)	1698
Surgimento de Freguesia Nossa Senhora da Piedade do Iguassú	1699
Criação município Estrela. Estrela e Iguassu deram início aos atuais municípios da baixada Fluminense	1846
Estrada Real do Comércio A primeira estrada destinada ao escoamento da produção de ouro.	Entre 1811 e 1822
Freguesia de Iguassu elevada a vila, constituindo-se de 6 freguesias desanexadas da cidade do Rio de Janeiro.	1833
Construção da Estrada de ferro Dom Pedro II, que passava pelo Engenho de Maxambomba, a rota econômica mudando do curso fluvial para a ferrovia.	Na década de 1850
Arraial de Maxambomba elevado à condição de Cidade e distrito.	1891
O município Iguassu passa a se chamar “Nova Iguaçu”.	1916
Nova Iguaçu ostentou a maior produção de cítricos do país.	Entre as décadas de 1930 e 1940
II guerra mundial. Crise na exportação da laranja. Declínio da citricultura	1945
Emancipações Duque de Caxias e o distrito de São João de Meriti; Nilópolis Queimados, Belford Roxo, Mesquita e Japeri	1943 1947 1990/ 1991
Criação das URGs (Unidades Regionais de Governo)	1997

Quadro 1 - histórico cronológico de Nova Iguaçu

Fonte: autora, 2015

O governo em 1997, além de dar os primeiros passos para uma nova perspectiva de cidade, elaborou uma medida desarticuladora, pois para uma emancipação conjunta seria

necessária a união das unidades regionais, o que levaria a vários conflitos que acabariam por prejudicar a ação de emancipação de outros municípios (SIMÕES, 2006).

No ano de 1997, o então prefeito Nelson Roberto Bournier, mais conhecido como Nelson Bournier, sanciona a lei complementar de nº 06, que revisa o plano diretor do município de Nova Iguaçu.

Esta lei foi aprovada tendo como justificativa a revisão do plano diretor de 1992 entre outras providencias:

“CONSIDERANDO que o município sofreu, nos últimos anos, um fracionamento significativo de seu território, em virtude da emancipação dos municípios de Belford. Roxo, Queimados e Japeri”;

“CONSIDERANDO que este fracionamento, já previsto parcialmente no texto da Lei Complementar nº 2.372, de 22 de dezembro de 1992, associado a mudanças estruturais recentes, induziram significativas alterações na dinâmica geoeconômica de Nova Iguaçu, o que consagrou o predomínio da área urbana em quase a totalidade do seu território”.

“CONSIDERANDO que o texto da citada Lei Complementar revelou-se impreciso, o que não permitiu uma efetiva ação institucional voltada ao planejamento, gestão e controle das dinâmicas urbana, social e econômica do território municipal”.

[...]

O território de Nova Iguaçu, em função de suas alterações geoeconômicas pode ser totalmente urbano, porém é preciso levantar um entendimento sobre o que vêm a ser urbano, o que é rural e o que é cidade, não como definições absolutas, mas como um meio de organizar o pensamento sobre a questão considerada no plano diretor de 1997.

Na legislação brasileira há um decreto lei instituído pelo Estado novo no ano de 1938, de nº 311, que dispõe sobre a divisão territorial do país aponta que “as cidades (sedes de municípios) e as vilas (sedes de distritos) são urbanas e que o restante do território é rural”.

Se a cidade é assim definida, então a área rural não é cidade. Esta definição carece de ser reavaliada e repensada já que, desde 1938 as prefeituras é que definem rural de urbano nos limites de seus municípios.

Uma definição mais tradicional para a área rural seria todo espaço ocupado pela agricultura, ou seja, o plantio e a colheita e a criação de animais. As atividades se dão ao ar livre em contato com a natureza. São locais onde não se registra elevadas densidades populacionais. As construções são dispersas umas das outras. A população é mais homogênea marcada por uma menor estratificação social.

A área urbana seria o lugar de desenvolvimento e modernização. As atividades, em sua maioria, se dão em ambientes artificiais. A densidade populacional aumenta num ritmo

acelerado. Há uma heterogeneidade da população quanto à estratificação e a complexidade social. A mobilidade social é mais dinâmica, desloca-se mais de um lugar para o outro, de uma ocupação para outra. O corre-corre diário em busca do padrão de vida melhor para o consumo de bens e serviços, não permite uma vida mais saudável.

Apesar da diferença marcante entre o rural e o urbano, as intensas transformações das áreas rurais e urbanas levam a uma revisão dos critérios de delimitação dessas áreas e surgem outras definições em função desse movimento, onde fica caracterizado, que estas não são absolutas.

A cidade, então se caracteriza quando nela há a existência de um núcleo que exerce influência sobre o entorno, ou seja, a área central de um determinado território (NUNES, 2007).

Lefebvre (1969) segundo Nunes (2007), acredita que a sociedade urbana está em formação, mas inclui o rural, pois quando esta alcança a evolução tecnológica precisa manter o rural, pois depende dele para aquecer a sua produção.

O rural não desaparece, uma vez que incorpora os novos processos de produção e com isso organiza suas relações com a cidade, ou seja, as atividades agrícolas permanecem dentro desse novo contexto. (NUNES, 2007)

Seguindo essa abordagem remete-se ao pensamento “continuum rural-urbano” em que se destaca a ideia “de interligação entre o rural e o urbano que aproxima e integram os dois pólos sem destruir as particularidades” (JACINTO et al. 2012).

Percebe-se que a área rural não é mais o lugar do atraso já que os hábitos urbanos ali se inserem contribuindo para uma aproximação da área urbana. O rural não é mais o lugar apenas do setor primário, a ele são incorporadas atividades tipicamente urbanas voltadas à agricultura modernizada surgindo assim o “novo rural” com funções as quais anteriormente ali não havia. O que nos leva a entender que o rural não se extingue, apenas as relações do *continuum* rural-urbano é que se modifica dada a dinâmica entre as duas áreas (JACINTO et al, 2012).

A definição de cidade é tão ou mais complexa que as anteriores, mas se levarmos em consideração o ponto de vista sociológico, a palavra cidade não sofreu alteração, porém ao acrescentar somente um adjetivo expressa aquilo o que queremos tratar: cidade moderna, cidade colonial, cidade industrial, cidade turística, cidade portuária, cidade interiorana, cidade grande, etc.

Não importa qual o adjetivo dado já que existe uma ideia comum a todas elas, que é a aglomeração de pessoas e de objetos (edifícios, ruas, casas) que se organizam nas áreas das cidades sejam quais for a sua adjetivação.

A definição da palavra cidade se torna complexa, pois seu enfoque é visto na perspectiva histórica. A cidade se organiza de acordo com as determinações sociais, o que causa uma individualidade, ou seja, cada cidade tem uma identidade única.

A partir dos conceitos aqui discutidos, passa-se ao entendimento por que Nova Iguaçu foi denominada cidade utilizando como marco legal os planos diretores de 1997 e 2008 e o Código Tributário Nacional (CTN), lei nº 5172/66.

O município de Nova Iguaçu, de acordo com o plano de desenvolvimento municipal de 1997, passa a ser cidade, uma vez que, ao sofrer perdas territoriais devido à emancipação de municípios, leva a significativas alterações em sua forma geoeconômica.

O plano diretor de 1997 induz à ideia de que as áreas perdidas eram “rurais” e ao serem emancipadas, Nova Iguaçu se apresenta como um território totalmente urbano, ou seja, uma cidade, do ponto de vista sociológico, em franca expansão e desenvolvimento econômico.

Por outro lado, o plano diretor de 2008 reconhece que Nova Iguaçu apresenta área urbana e rural. Não revoga a denominação de cidade do plano diretor de 1997.

No entanto, institui que sua área rural é a “parcela do território municipal não incluída na zona urbana, destinada às atividades primárias e de produção de alimentos, às atividades de reflorestamento, de mineração, de agropecuária e outros.” (PLANO DIRETOR, 2008)

No (CTN), lei nº5172/66, em seu artigo 32, ainda em vigor, institui que a zona urbana é dotada de melhoramentos como meio-fio ou calçamento com canalização de águas pluviais, sistema de esgoto sanitário, abastecimento de água, rede de iluminação pública, escola primária ou posto de saúde a uma distancia máxima de 3 km do imóvel considerado.

Esses equipamentos são tidos como atributos da cidade. O Código Tributário Nacional (CTN) ainda define que, os impostos municipais seriam arrecadados nas áreas urbanas, através do Imposto Predial Territorial Urbano (IPTU) e os federais nas áreas rurais, através do Imposto Territorial Rural (ITR).

A carta magna exigiu uma lei orgânica para cada município e os dotou de competência tanto de legislar sobre assuntos de interesse local como, por exemplo, serviços de saúde bem como o planejamento e controle do uso, parcelamento e ocupação do solo urbano e, até mesmo de executar a política de desenvolvimento urbano com o objetivo de desenvolver as funções sociais e garantir a qualidade de vida de sua população. O plano diretor é uma lei

obrigatória para cidades com mais de 20 mil habitantes e para aquelas que integrem regiões metropolitanas.

No plano diretor de 1997, como já dito anteriormente, transforma Nova Iguaçu em Cidade, uma vez que considera as áreas não urbanizadas em plena expansão urbana em atenção ao fato que estas são pouco expressivas, com raras atividades agrícolas. Esse plano, no entanto, levou a algumas mobilizações por parte dos agricultores locais dado ao fato que pagavam o ITR. Foi então aberto um processo administrativo que resultou na redução da tributação urbana (IPTU) para aqueles que já contribuía com o imposto federal nas áreas rurais.

Na gestão governamental de 2008, o plano diretor é revisado e restabelece as áreas urbanas e rurais além de reafirmar a população rural como parte da cidade e expressar uma preocupação com a limitação, ordenamento e controle da expansão urbana, dando ênfase as Áreas de Proteção Ambiental - APA (PLANO DIRETOR, 2008).

Não se pode esquecer que o plano diretor é direcionado à política de desenvolvimento municipal, pois sinaliza não só a universalização dos serviços e o atendimento a toda população, mas também, planejamentos para toda extensão da cidade, sendo que aponta uma preocupação específica: “garantir condições básicas de infraestrutura, mobilidade, habitação e serviços sociais para a população moradora na zona rural”. (PLANO DIRETOR, 2008)

A partir dessa reflexão quanto Nova Iguaçu ser denominada cidade, entende-se que a mesma é um grande centro urbano que se integra a sua área rural tornando-a relevante e intrinsecamente ligada ao urbano.

As representações sociais historicamente construídas pela população Iguaçuana é que o rural se faz presente no urbano da cidade, pois a dinâmica do processo de urbanização de Nova Iguaçu não interferiu em áreas onde existiam assentamentos rurais e nem tão pouco os pequenos agricultores deixaram de combinar suas atividades agrícolas com seus empregos urbanos (SIMÕES, 2006).

### **CAPÍTULO 3 – A ESTRUTURA SOCIO ESPACIAL DA CIDADE**

A cidade de Nova Iguaçu apresenta uma estrutura social e espacial bastante complexa. A cidade é cortada pela Rodovia Presidente Dutra (via Dutra), Via Light e Avenida Abílio Augusto Távora (antiga estrada de Madureira). A sua diversidade atrai pesquisadores por apresentar áreas industriais, centro de comércio popular e, serviços sofisticados, áreas residenciais de luxo próximas as áreas sem infraestrutura com ruas sem pavimentação e saneamento básico, comércios ou serviços.

O centro de Nova Iguaçu sofreu ao longo de sua história uma intensa urbanização e concentra um maior número de habitações; é onde também se localiza a maioria dos negócios do município e abriga a população das classes média a alta.

Para fins de entendimento deste capítulo serão tomadas como base a área central de Nova Iguaçu subdividida em áreas menores (figura 21), a saber: o eixo da Via Dutra, o eixo da Via Light, o eixo central e o da Avenida Abílio Augusto Távora (antiga estrada de Madureira), que liga o centro de Nova Iguaçu ao km 32 e a zona oeste do município do Rio de Janeiro.



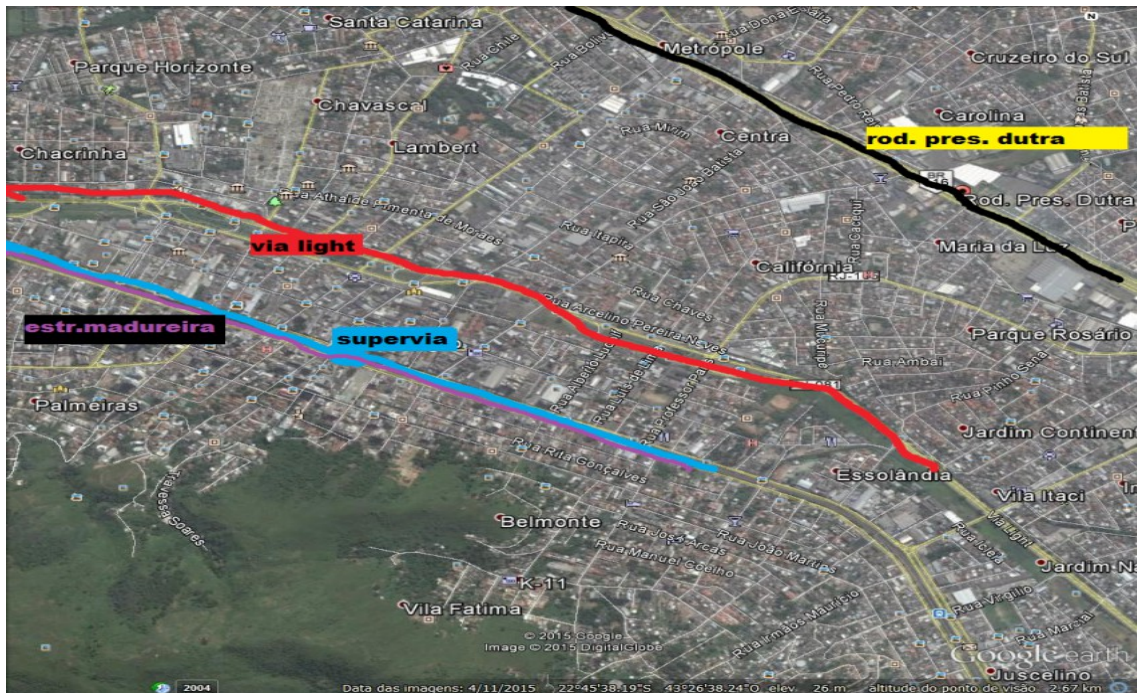


Figura 21 - Eixos da Via Dutra, Via Light, Estrada de Ferro (Supervia), Estrada de Madureira.

Fonte: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em jun/2014

### 3.1 - O EIXO DA VIA DUTRA

Na década de 60 foi na Via Dutra, onde se fixaram as indústrias e estabelecimentos voltados aos motoristas, que utilizavam a via como postos de gasolinas, churrascarias, motéis e hotéis. No entanto, da década de 80 até o ano de 2015, um novo movimento proveniente da expansão da área central trouxe a este eixo uma reconfiguração, onde algumas indústrias faliram e outras mudaram de local ou estado.

Existem grandes galpões inoperantes ou abandonados, outros foram reestruturados dando lugar a novos estabelecimentos de grande porte, outros se transformaram em centros de entretenimentos urbanos formando um aglomerado de casas de show e restaurantes situados

no “Baixo Iguaçu”, famoso pelo cognome de “Rua da Lama”, onde lá se encontra entretenimentos para todas as classes.

Neste eixo algumas indústrias como a Granfino (figura 22) e a Compactor ainda permanecem. Existem também ferros velhos e prostíbulos, na Via Dutra, que se estendem até os viadutos do Posto treze, da Barros Junior e o da Posse. Esses viadutos fazem a ligação de bairros entre o centro de Nova Iguaçu e o outro lado da Via Dutra indo em direção a Tinguá (reserva biológica de Nova Iguaçu).

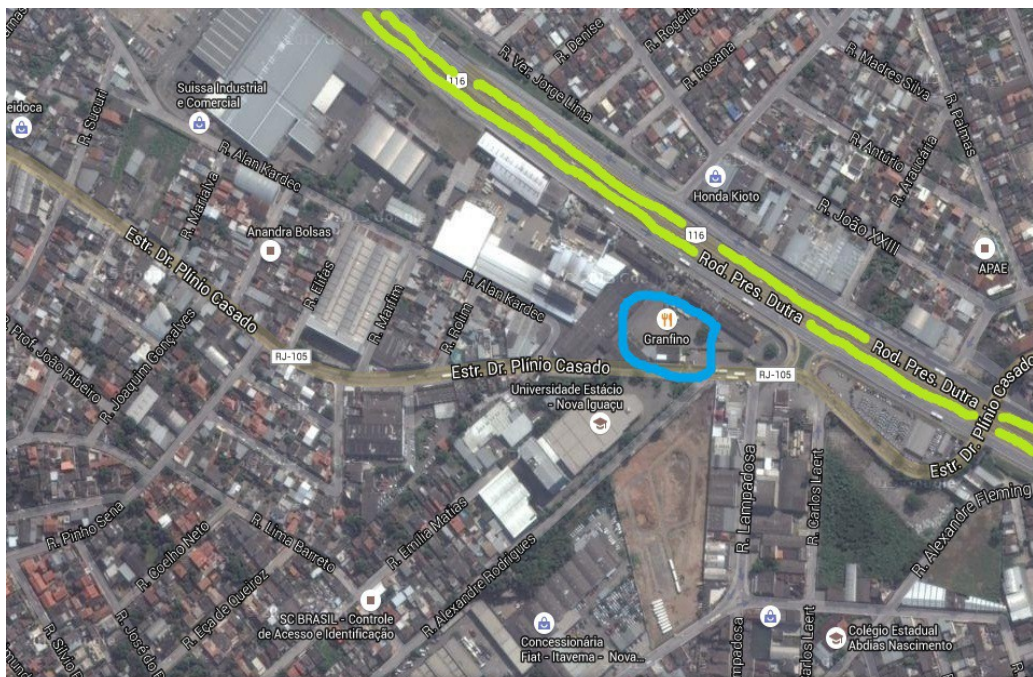


Figura 22 - Eixo Via Dutra

Fonte: [www.googleearth.com.br](http://www.googleearth.com.br). Acesso em Jan/2015

No ano de 2012, próximo a “Rua da Lama”, no sentido São Paulo, foram inaugurados dois pólos de venda de roupas por atacado e a varejo (Mega moda e Cidade da Moda), que movimentou a economia da cidade, além de trazer novos moradores para suas proximidades. Esses dois pólos estão próximos de bairros puramente residenciais cuja população pertence tanto à classe média e alta, quanto às classes de menor poder aquisitivo.

Os bairros próximos a estes pólos considerados nobres são o Jardim Esplanada e o Monte Líbano e mais recentemente o Rancho Novo que inicia na Estrada de Iguaçu e já começa a se organizar para atender a uma população classe média alta com dois condomínios verticais (um está com a construção em andamento e o outro já está pronto) e um horizontal

com as características dos condomínios da Barra da Tijuca. Ao lado desses foi inaugurado nesse mesmo ano um mercado voltado a atender essa população.

Esse bairro já apresenta indícios de serviços e comércios que visam a uma população com maior poder aquisitivo de compra e até por conta dinâmica econômica, o viaduto Barros filho será ampliado, visto que em menos de três anos a mobilidade urbana local se tornou inviável para quem vai e quem volta do centro de Nova Iguaçu. A previsão de conclusão das obras é para dezembro de 2016.

O projeto (figura 23) terá duas pistas de rolamento, ciclovia e faixa isolada para pedestre com mureta de proteção. O entorno vai ganhar ainda área urbanizada, com a criação de 6 mil metros quadrados de área verde.



Figura 23 - Projeto para o novo viaduto

Fonte: [www.noticiasdenovaiguacu.com](http://www.noticiasdenovaiguacu.com). Acesso em Dez/ 2014

Há também os bairros populares (Caioaba, Posse, Califórnia, Moquetá entre outros) com um comércio voltado apenas a atender o cotidiano de seus moradores. A população desses bairros necessita se deslocar para o comércio do centro se precisar de serviços e comércio diferenciados.

### 3.2 - O EIXO DA VIA LIGHT

Para falar desse eixo tem-se que contar um pouco da sua história. Esta via foi projetada para promover a transformação espacial de Nova Iguaçu e buscar sua modernização e com isso atrair novos empreendedores à área, cortando toda a extensão de Nova Iguaçu.

No local havia os muros da light que formavam um paredão em torno das torres de transmissão de energia elétrica pertencentes à concessionária light.

Derrubar os muros e construir a via tinha a intenção de firmar a cidade como um centro metropolitano e dissociar Nova Iguaçu da ideia coletiva de cidade violenta, “local de desova”.

Esta via foi construída em 1988 e oficialmente foi denominada de rodovia RJ-081, mas popularmente ficou conhecida por “Via Light” e tinha também a principal função de desobstruir o trânsito da Rodovia Presidente Dutra entre a baixada fluminense e o Rio de Janeiro como uma via exclusivamente expressa para garantir a mobilidade, tendo poucos acessos e uma logística particular pelo fato das torres da light cortarem a cidade ao meio.

Entretanto, devido o fato da cidade haver crescido e seu trânsito não ser suportado pelas principais vias da cidade, algumas adaptações necessitaram ser feitas.

Como o governo do estado era o gestor da obra, o município de Nova Iguaçu entrou em acordo e conseguiu garantir a construção de alguns acessos para o centro de Nova Iguaçu.

Antes da Via Light as construções não tinham um valor estético. A cidade ganhou uma cara nova. Os projetos arquitetônicos passaram a se preocupar com o belo, trazendo a estética às construções. O paisagismo adotado na Via Light também não passou despercebido, tanto que, ao longo dos jardins da via, permaneceu o comércio de plantas, que já existiam durante a época dos muros que cercavam as torres da light.

Os acessos desse eixo aproximaram a população, que reside no lado norte, Avenida Abílio Augusto Távora (estrada de Madureira), do Top Shopping (figura24), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e do Hospital Geral da Posse além de outros bairros, que ficam localizados próximos ao eixo da Via Dutra.

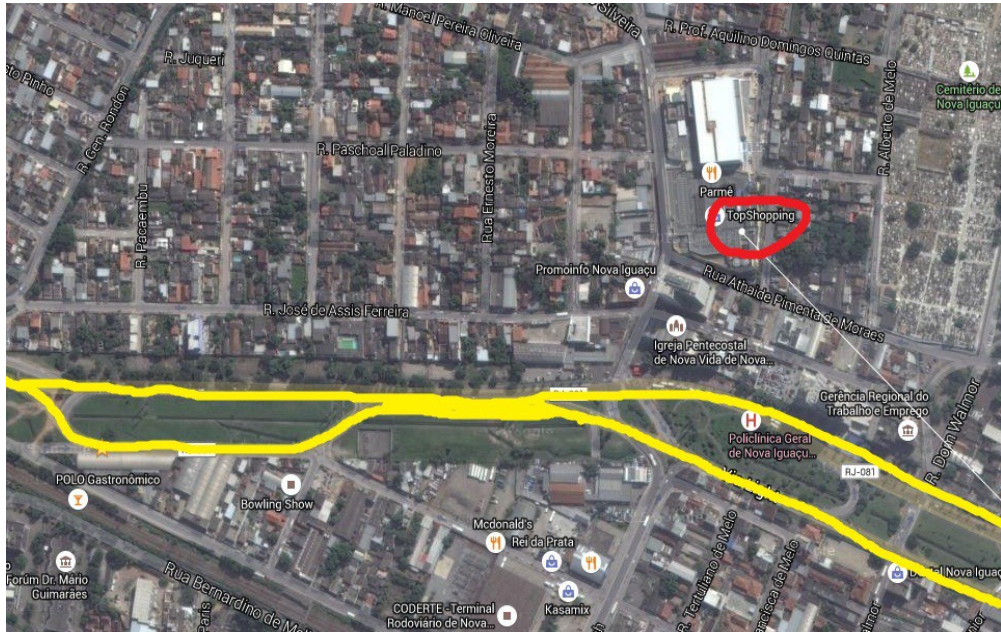


Figura 24- Eixo Via Light

Fonte: [www.googleearth](http://www.googleearth). Acesso em Dez/2014

Em 2005, Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro, inaugurou o viaduto Dom Adriano Hipólito que dava acesso à Via Light e a Avenida Abílio Augusto Távora (estrada de Madureira), cujo objetivo era melhorar o fluxo do trânsito.

Em 2007, a prefeitura de Nova Iguaçu com recursos próprios inaugurou mais um trecho desse mesmo viaduto que se estendeu até o bairro Marco II. Algumas construções de condomínios se deram também nesses anos; havia um projeto de revitalização dos bairros próximos, pois por conta de duas pedreiras na Estrada de Madureira (Vigné e Santo Antônio) esses bairros tinham uma imagem de abandono.

As pedreiras foram desativadas no ano 2013 e, no local está em construção um *shopping center*, que trará uma nova imagem a esses bairros. A obra da Via Light não cumpriu seu objetivo: melhorar o trânsito da Rodovia Presidente Dutra.

A Via Light, desde a sua inauguração, não promoveu a esperada melhoria na baixada e no município de Nova Iguaçu. Cada vez mais há uma intensa movimentação de veículos transformando as vias, que percorrem a cidade e as que seguem em direção ao centro do Rio de Janeiro, intransitáveis.

A Via Light trouxe, sem dúvida, um enorme crescimento urbano, e também, a ideia de uma nova organização espacial e, de como esta pode afetar a cidade de maneira produtiva, ou

seja, um maior fluxo de comércio e serviços a toda a população, se for pensada em relação à sua condição sócioespacial e econômica.

Surgiram modernas edificações, do bairro da Luz até o Marco II, compostas de escritórios, salas comerciais, edifícios habitacionais e o pólo gastronômico I e II com bares e restaurantes (figura 25 e 26) da Via Light.

O pólo I, inaugurado em 2009, movimentou as noites da cidade. O pólo foi interdito em 2010, após uma briga, no bar Botequim Ordinário, onde dois amigos foram assassinados a tiros. Depois de cumprir algumas exigências e normas de segurança o bar foi reaberto.

O esvaziamento do local e a falta de segurança provocaram o fechamento da maioria dos bares e restaurante. Em 2014, parte desta edificação deu lugar a uma importante academia de musculação, a *Smart Fit*, a academia inteligente, que apresenta um serviço diferenciado das demais academias de musculação, que existem na cidade.



Figura 25- Pólo Gastronômico I – Via Light

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/> Acesso em Jul/ 2015



Figura 26 - Pólo Gastronômico II – Via Light

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com.br> Acesso em Jul/ 2015

Essas edificações como um todo caracterizam o interesse inicial de renovação. A Via Light trouxe também, a ciclovia e a prática do esporte voltada à caminhada para a população, que ocupa a área central da cidade.

Outro marco importante na história da Via Light foi à falta de segurança, o abandono da via, o descaso com a limpeza urbana e o intenso fluxo de veículos. Não há praças e basta atravessar o viaduto Dom Hipólito para observar que o processo de revitalização não foi a frente.

É gritante a diferença socioeconômica: existem bairros em que os moradores possuem alto poder aquisitivo e usufruem de espaços de lazer e conforto; em outros, pessoas de menor poder aquisitivo vivem sem a menor infraestrutura ou de má qualidade. E existem bairros, os quais famílias de alto poder aquisitivo dividem a mesma rua com famílias de poder aquisitivo menor.

É na Via Light que grandes eventos passaram a acontecer como, por exemplo, desfiles de carnaval, parada Gay entre outros. Antes essas comemorações ocorriam na Avenida Mal Floriano, paralela a estrada de ferro, hoje conhecida como Supervia.

### 3.3 - O EIXO CENTRAL

Nessa área se concentra o principal centro comercial de Nova Iguaçu, que conta com uma rede de serviços de saúde, emprego, educação, lazer (Praça da Liberdade e Praça Rui

Barbosa, popularmente chamada de Praça do “Banco do Brasil”, pois neste local existe uma agência deste banco), além de antigas galerias (Veplan e Center) e lojas comerciais.

O centro (figura 27 e 28) também abarca o comércio informal entre a Via Light e o calçadão durante o horário comercial. Após esse horário esse tipo de comércio se desloca para o calçadão.

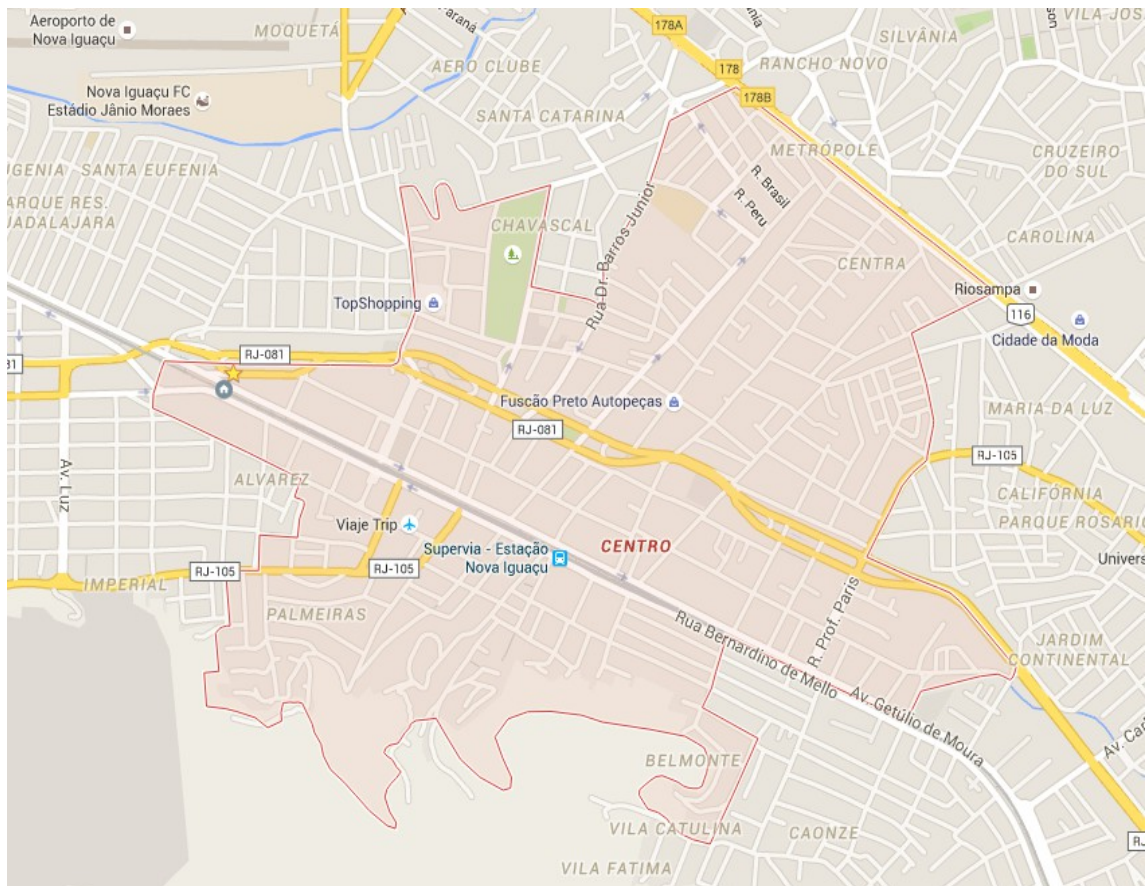


Figura 27 - Mapa da área central de Nova Iguaçu

Fonte: [www.googleearth.com.br](http://www.googleearth.com.br). Acesso em Jun/2015





Figura 28 - Vista aérea da área central de Nova Iguaçu.

Fonte: [www.googleearth.com.br](http://www.googleearth.com.br). Acesso em Jun/2015

A área central, apesar de sua importância comercial, mantém a mesma estrutura urbana há anos. Apresenta-se bastante comprometida devido ao aumento da população e a crescente demanda por comércio e serviços. Essa área, urbanisticamente, não acompanha esse crescimento. Há uma ausência de manutenção das edificações mais antigas, que são basicamente composta de 2 pavimentos.

Em função desse crescimento, o volume de tráfego, na área, se intensificou, a busca por estacionamentos aumentou, levando a prefeitura a fixar estacionamento público pelas ruas do centro iguaçuano e a iniciativa privada, em concorrência acirrada, vêm demolindo ou reformando antigas edificações para transformá-las em estacionamentos, comprometendo ainda mais a mobilidade urbana.

A mobilidade urbana, em Nova Iguaçu, em face de todo esse crescimento, é outro problema que necessita de uma gestão que solucione de maneira efetiva, o congestionamento sofrido pela cidade.

Segundo Rodrigues (2012) “há um claro incentivo ao uso do transporte individual em uma metrópole que viu o número de automóveis aumentarem em 62,7% entre 2002 e 2012. Esse crescimento não é exclusivo do Rio de Janeiro”.

Rodrigues (2012) ainda comenta que:

“o aumento da frota desses veículos nas grandes cidades brasileiras atinge números ainda mais preocupantes, pois, se hoje há congestionamentos que têm inviabilizado social e economicamente a cidade, um dos principais motivos é a simples falta de espaço para os veículos” (OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES, 2012).

O aumento de veículos somado ao transporte público e o alternativo (motos e vans) inviabilizam a circulação no centro iguaçuano, principalmente no horário de maior movimentação, uma vez que a infraestrutura da cidade não foi projetada para tal situação.

O transporte público municipal da cidade é um dos principais responsáveis por esse fluxo intenso, dada a ineficiência e total ausência de compromisso com a população local. As frotas municipais geralmente são ruins, não cumprem horários, não respeitam os passageiros, o que potencializa o uso do veículo particular e o transporte alternativo.

Outros problemas relativos à área central é sobre a segurança, que também é ineficiente devido à ausência de um batalhão da polícia militar, que atenda apenas a cidade, pois o 20º batalhão da polícia militar, localizado no município de Mesquita, atende a 3 municípios ( Nova Iguaçu, Mesquita e Nilópolis).Esse assunto a será abordado mais à frente no item 3.5.

Quanto à limpeza urbana, Nova Iguaçu conta com a Central de Tratamento de Resíduos (figura 29), situada no bairro Adrianópolis. A CTR é modelo de referência em tratamento de resíduos e também é o destino do lixo dos municípios de Nilópolis, Mesquita e queimados.

A CTR apesar de estar localizada no município iguaçuano, existe um problema a ser solucionado pela prefeitura e pela Empresa Municipal de Limpeza Urbana (EMLURB), que se refere à terceirização ilícita dos serviços de limpeza urbana e o afastamento dos servidores municipais do setor pela gestão anterior.

No ano de 2013, a prefeitura e a (EMLURB) foram condenadas, em 1ª instância, pela A 3ª Turma do Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região (TRT/RJ) “o pagamento de R\$ 700 mil a título de danos morais coletivos devido à terceirização ilícita dos serviços de varredura, coleta, depósito e tratamento do lixo naquela cidade” (CUT, 2014).

A prefeitura foi proibida de formalizar novos contratos com empresas terceirizadas e a organizar um concurso público. A gestão atual (prefeito Nelson Bournier) e a EMLURB entraram com recurso (JORNAL O GLOBO, 2014).



Figura29 - Central de Tratamento de Resíduos – Adrianópolis/Nova Iguaçu

Fonte: <http://haztec.com.br/solucoes-ambientais-completas/images/ctrs/CTR-Nova-Iguacu.jpg>

Acesso em Set/ 2015

Em 2015, a coleta de lixo ainda é terceirizada (informação verbal) <sup>2</sup> e alguns bairros do município sofrem pela falta de limpeza ou coleta irregular, causando insatisfação à população. A área central da cidade, onde se localizam as atividades de comércio e serviços, apesar da limpeza urbana ocorrer de forma regular, tem muitos lojistas, que ainda despejam seus lixos, na porta de suas lojas, em qualquer horário e estragam o visual do centro iguaçuano.

O lixo se acumula nas ruas do centro e, somente é retirado no horário, noturno provocando um grande impacto urbano negativo à vida cidadina dos iguaçuanos.

A secretaria de Defesa civil e ordem pública de Nova Iguaçu, em 2014, implantaram medidas chamadas de “choque de ordem” para deixar a cidade mais limpa visualmente. O choque de ordem ocorre em bairros cuja situação é crítica, como o centro iguaçuano e em locais, onde haja reclamações por parte dos moradores (NOTÍCIAS DE NOVA IGUAÇU. COM, 2015).

<sup>2</sup>Em pesquisa realizada na EMLURB, foi colhida a informação de que a mão de obra ainda é terceirizada. Não se conseguiu obter maiores detalhes sobre a questão.

Apesar do choque de ordem para ações relacionadas, também, à limpeza urbana, há muito trabalho para ser realizado nesse sentido. Acredita-se, que o centro de comércio e serviços iguaçuano, necessita sofrer uma requalificação, visto que o seu crescimento requer melhores condições de governança urbana para atender a toda a população que está há muito tempo insatisfeita pela ausência de uma gestão pública eficaz.

### 3.4 - O EIXO AVENIDA ABÍLIO AUGUSTO TÁVORA

Entre a via férrea e o maciço Mendanha-Gericinó (Serra de Madureira) está a Avenida Abílio Augusto Távora, popularmente conhecida como “Antiga estrada de Madureira” (figura 30) com cerca de 20 km que liga o centro de Nova Iguaçu ao Bairro km 32 pareando a Serra de Madureira.

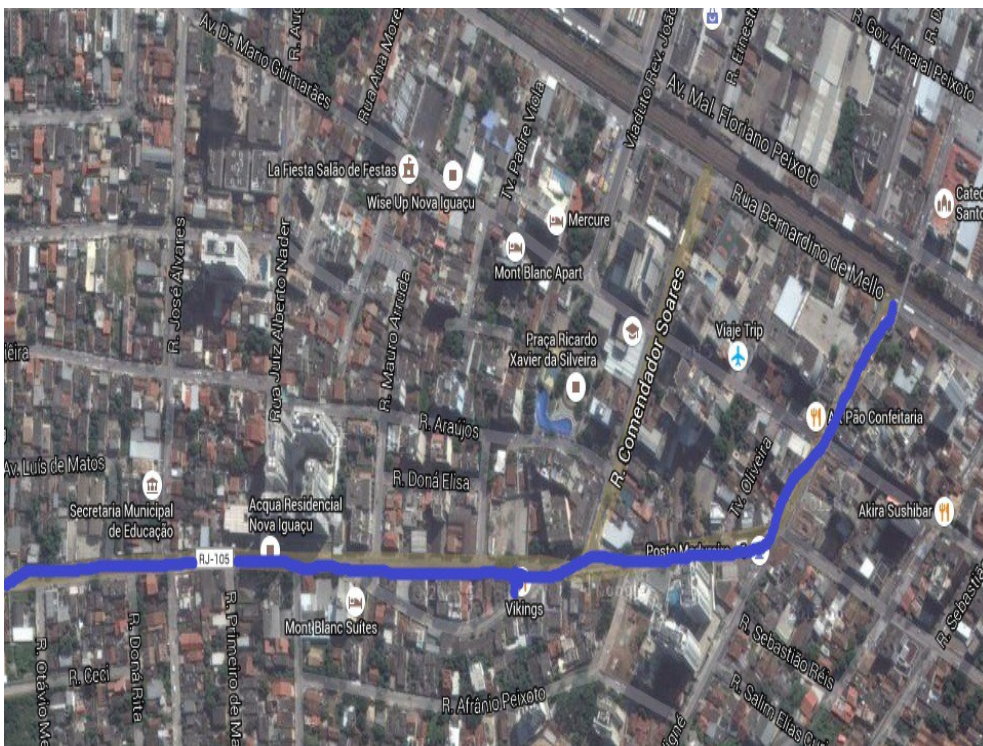


Figura 30 - Eixo Avenida Abílio Augusto Távora (Serra de Madureira)

Fonte: [www.googleearth.com.br](http://www.googleearth.com.br). Acesso em Jun/2015

A Avenida Abílio Augusto Távora (RJ-105) liga bairros nobres como o CAONZE e Bairro da Luz e, seguindo numa linha horizontal passa por Cabuçu, que dá acesso a Queimados pela rodovia Presidente Dutra (BR-116) e, também por antigas fazendas que

deram origem, ao serem loteadas, a bairros como Marapicu, Dom Bosco, Aliança, Belga, até chegar ao km32.

O bairro km 32 é rota para quem chega ou sai do município de Nova Iguaçu. Ele faz limite com a zona oeste do Rio Janeiro, seguindo pela RJ-105, onde há um entroncamento com a BR-465, antiga estrada Rio- São Paulo (figura 31). O km 32 também dá acesso a quem segue no sentido de Seropédica (outro município do Rio de Janeiro).

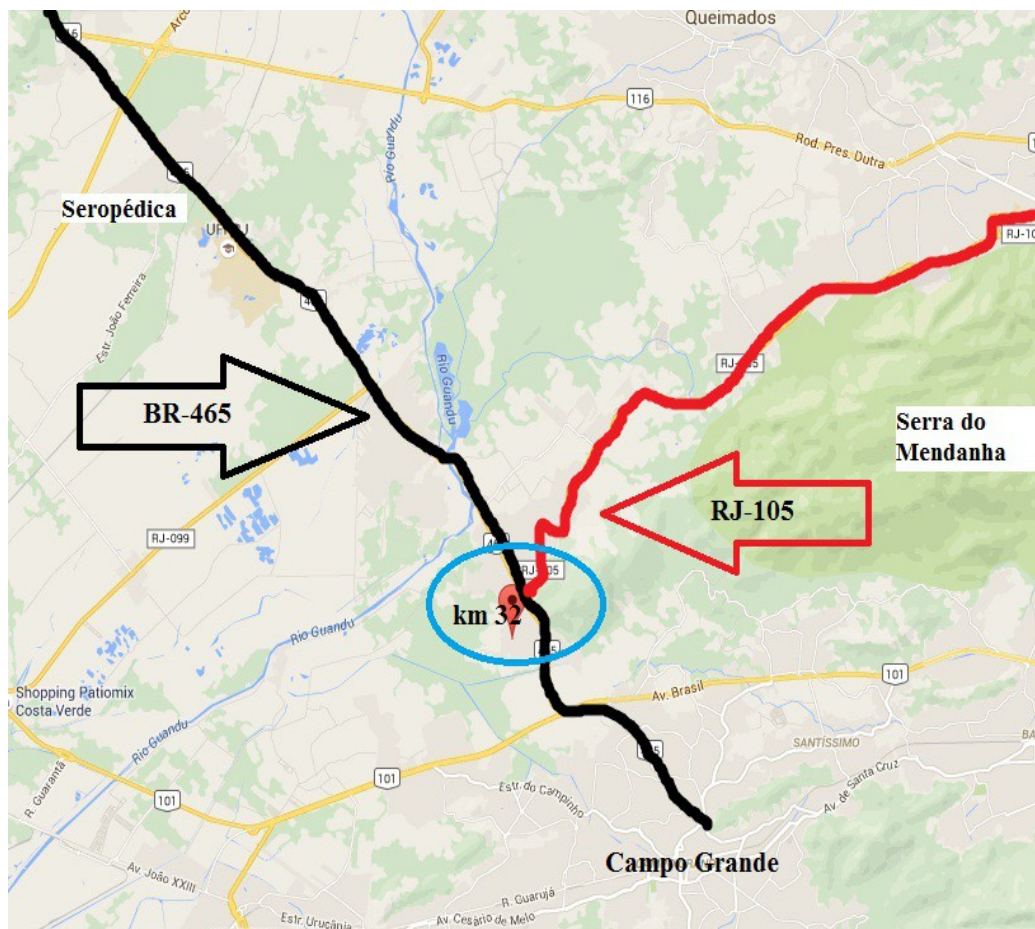


Figura 31 - Entroncamento no km 32 entre a BR-465 e a RJ-105

Fonte: [www.google.com.br](http://www.google.com.br), 2015

Neste eixo, que vai do CAONZE (figura 32) ao km32, observa-se uma diversidade relacionada ao uso do solo e à sua configuração social e espacial. A ocupação urbana, no CAONZE, diferencia-se do restante da cidade, desde o ciclo econômico da laranja.

Nessa região se estabeleceu uma área residencial formada pela população de classe média à alta: os antigos exportadores comerciantes e profissionais liberais que queriam viver longe da população mais humilde bem como das áreas inundáveis do lado sul da via férrea.

O crescente poder político e econômico desse grupo social iniciou uma política de investimentos nessa área, por parte do poder público e contribuiu, ainda mais, para a valorização do solo, principalmente após a construção do muro da via férrea e o viaduto João Müsh. Única opção entre o centro de comércio e serviços da cidade e o CAONZE, que por mais de 20 anos, só fez fortalecer a segregação social e econômica em Nova Iguaçu.



Figura 32 - Rua Manoel Coelho – km11

Fonte: <http://mw2.google.com>. Acesso em Jun/2015

O lado “rico” e o lado “pobre” da cidade. Essa barreira foi fator utilizado pelos agentes imobiliários para elevar os preços de imóveis e terrenos no lado “rico da cidade”. Do final dos anos 80 ao final de 2004, com a construção de mais 2 viadutos (CAONZE, em 1980 e Dom Adriano, em 2004), o processo de verticalização iniciou-se e encareceu ainda mais o uso do solo, atraindo a população de alto poder aquisitivo.

Criou-se então um subcentro de negócios e serviços mais sofisticados com investidores provenientes do município do Rio de Janeiro para atender a essa população elevando os preços e o número de construções, não só de edifícios residenciais e comerciais como também de condomínios de mansões.

Esse eixo é chamado popularmente de “o outro lado”, onde se percebe a segregação social, que a via férrea oportuniza através de seus muros, consolidada nos tempos da citricultura e, que está em ampla expansão imobiliária para empreendimentos residenciais e comerciais de alto padrão.

#### 3.4.1 – A PEDREIRA VIGNÉ

Em 1935, Alberto Ribeiro Lamengo descobriu um extinto vulcão, que faz parte do maciço Gericinó-Mendanha. Esse vulcão, em homenagem o seu descobridor, passou a se chamado de “Vulcão da Chaminé ou Lamengo” ou “Vulcão do Mendanha”. O local passou a ser conhecido também como serra do vulcão.

O arqueologista Carlos Manes Bandeira, 3 décadas depois, deu parecer que existe a cratera do Vulcão do Mendanha na cabeceira do Rio Guandu-Sapê. Em 1949, a pedreira Vigné deu início às suas atividades, justamente na época do ciclo econômico da laranja.

Com o passar dos anos a pedreira precedeu à ocupação urbana, o que gerou sérios conflitos como a desaceleração da economia local e, a consequente ausência de empregos e geração de renda, além de incômodos a vizinhança devido às explosões para desmonte de rochas, geração de poeira e ruído provocando a poluição sonora e atmosférica, vibração provocando rachaduras na grande maioria das residências e, ainda um significativo aumento doenças respiratórias dos moradores locais.

A descoberta de um vulcão (figura 33) em Nova Iguaçu, ao longo dos anos, provocou um fenômeno social sobre a existência, ou não, do edifício vulcânico chamado de "Vulcão de Nova Iguaçu" e essa discussão científica está aberta, desde o ano 2004, nas comunidades científicas e o assunto está sendo discutido, ardentemente, entre os grupos de pesquisa com opiniões a favor e contra

Existem várias discussões científicas à respeito da existência ou não do “vulcão de Nova Iguaçu”, mas a maioria da população iguaçuana praticamente desconhece os periódicos e as pesquisas que vem sendo realizadas.

Segundo Motoki (2007), a resposta geológica publicada nos periódicos científicos é que a estrutura geológica atual, não pode ser considerada como vulcão. Desde o primeiro trabalho sobre a existência do vulcão em Nova Iguaçu, ainda não apareceu nenhum estudo

científico, que comprove a sua existência. A verdade científica, às vezes, não é aceita, pois se apresenta contrária ao desejo popular. (MOTOKI et al, 2007).

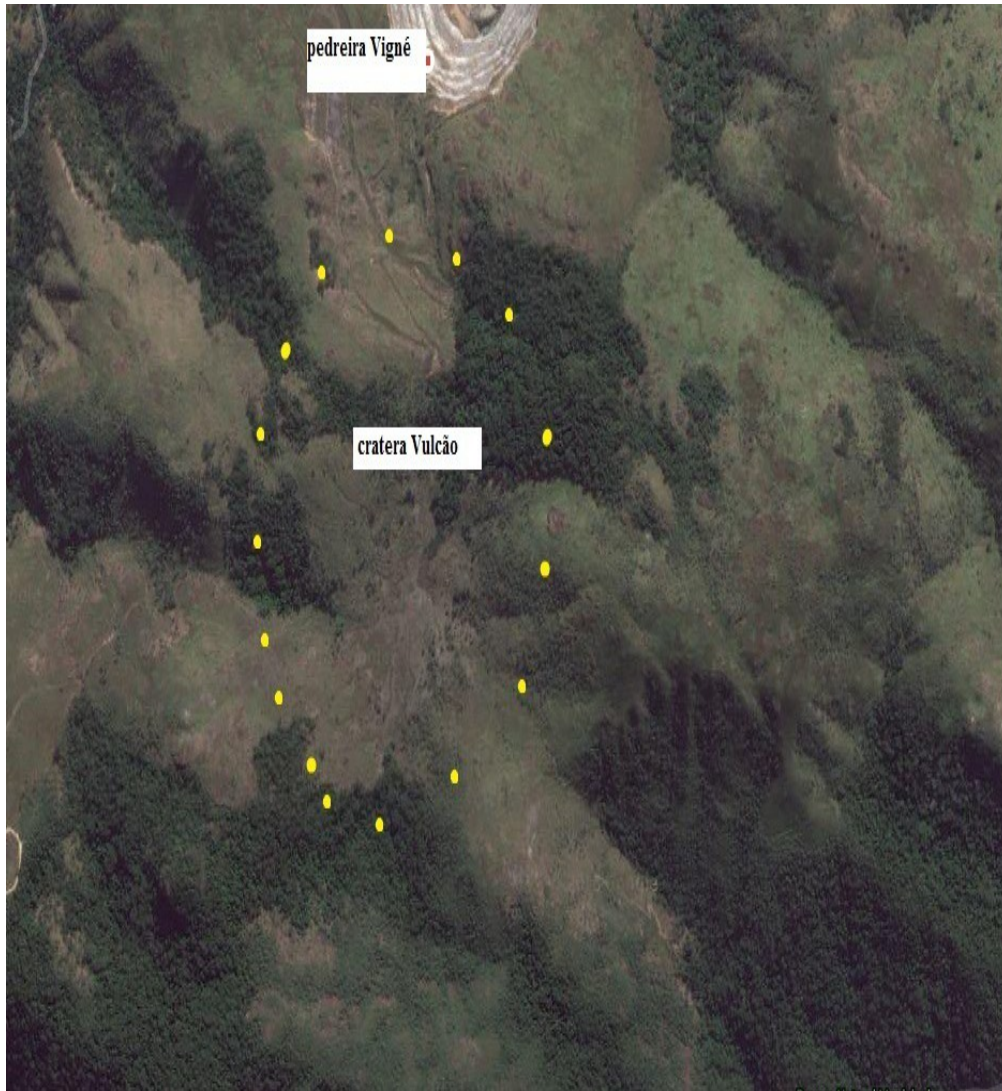


Figura 33 - Vista da cratera do Vulcão

Fonte: [www.googleearth.com.br](http://www.googleearth.com.br). Acesso em Ago/2015

O fato é que histórica e culturalmente, para a população local, existe um vulcão extinto no maciço do Mendanha e faz parte do Parque Natural de Nova Iguaçu.

E nessa região está a área de lavra da pedreira Vigné, que produziu uma grande devastação ambiental (figura 34), em parte da área considerada “complexo vulcânico” devido às escavações e na última década, a pressão da comunidade e da política local, a valorização



do uso do solo, a projeção de grandes empreendimentos para a área aliada à seleção natural do mercado foram responsáveis pelo fechamento da pedreira Vigné.



Figura 34 - Devastação ambiental na área de lavra da Pedreira Vigné

Fonte: <http://noticias.sitedabaixada.com.br>. Acesso Ago/2015

No local está em construção um *shopping* que fica próximo à rodovia BR-116 e aos acessos via Dutra e Via Light, que deverá atender à demanda dos novos habitantes de alto poder aquisitivo da região. Como é considerado um shopping multiuso, ele compreenderá ainda torres comerciais, hotel e residencial com serviço, criando assim uma espécie de mini cidade.

Esse projeto, que é um grande investimento, sem dúvida dinamizará a economia da cidade. Sem contar que irá gerar empregos, durante e após a sua construção, para a população que reside ao longo e no entorno da Avenida Abílio Augusto Távora.

Um empreendimento desse porte impulsionará o aumento da demanda para a construção de novos conjuntos habitacionais, comércio e serviços para as classes média, média-baixa nas regiões mais próximas e nas situadas ao longo da Avenida Abílio Augusto Távora.

Essas classes certamente, se beneficiarão da construção do *shopping* (Figura 35), seja pelo tipo de comércio e serviços que o mesmo oferece, seja pela melhoria da infraestrutura urbana.



Figura 35 - Maquete do *Shopping* Nova Iguaçu

Fonte: <http://noticias.sitedabaixada.com.br>. Acesso em Ago/2015

Outro ponto importante a se comentar é que os antigos moradores das regiões próximas a este empreendimento terão seus terrenos valorizados e para aqueles, que ainda vive de aluguel haverá um grande impacto já que esses subirão devido à valorização da área.

O mais interessante desse tipo de empreendimento imobiliário é saber que o primeiro shopping construído em Nova Iguaçu (1996) vai dobrar de tamanho e iniciou as obras de expansão em 2014, com previsão de inauguração em outubro de 2015.

O *Top Shopping* (figura 36) fica na área central da cidade, atendendo à crescente demanda interna e a de alguns municípios vizinhos, que não possuem este tipo de empreendimento e cuja maioria de seus clientes faz parte da população de classe média, média-baixa.

O *Shopping Nova Iguaçu*, em construção, ficará localizado na área mais nobre da cidade e certamente atenderá as classes média-alta e alta da população iguaçuana.

Esses investimentos na cidade confirmam mais um dos aspectos do processo de segregação social emergente na cidade, que anterior a este crescimento urbano, era uma questão pouco percebida e comentada. A população começa a conviver com uma nova realidade: a Cidade está se transformando.

Essa transformação está mudando a dinâmica sócioespacial e, também, a dinâmica socioeconômica. A grande preocupação é com a infraestrutura urbana, que não atende à demanda há muitos anos e de como o poder público irá resolver questões como o sistema de drenagem, saneamento, pavimentação e segurança da cidade.



Shopping atual	Expansão
ABL: 18.000m <sup>2</sup> Lojas: 130 Cinema: 3 salas Estacionamento: 660 vagas Âncoras e Megs: 6	ABL: 13.000m <sup>2</sup> Lojas: 122 Cinema: 6 salas digitais Estacionamento: 518 vagas Âncora: Lojas Renner Mega: 3

Figura 36 - Planta baixa L1 - expansão do *Top Shopping*

Fonte: <http://conshopping.com.br>. Acesso em Ago/ 20

A cidade de Nova Iguaçu permaneceu por muitos anos com problemas sociais e políticos aparentemente sem solução. Com a recém-chegada de moradores provenientes de outros municípios, inclusive do município do Rio de Janeiro, esses problemas tendem a uma complexidade difícil de ser resolvida, mas que certamente levará toda a população à busca pela organização urbana para evitar possíveis conflitos tanto de ordem sócio espacial quanto de ordem político social.

Nota-se que, ao longo da Avenida Abílio Augusto Távora (antiga estrada de Madureira), há um “inchaço” dos bairros e o aparecimento de sub-bairros com a construção de vários condomínios populares através do subsídio governamental denominado “minha casa minha vida”.

Esses condomínios se estendem até o km 32, que se localiza no final da Estrada de Madureira e é uma das portas de entrada para Nova Iguaçu, além de fazer limite com a zona oeste do Rio de Janeiro.

O km 32 (figura 37) é o oposto do CAONZE por ser extremamente carente de ações governamentais: ausência de investimento na área para pavimentação, saneamento, educação, saúde, segurança e mobilidade urbana.



Figura 37 - Antiga Rio-São Paulo – Bairro km32

Fonte: <http://mw2.google.com>. Acesso em Ago/2015

O sistema viário do local entrou em colapso. A principal via do bairro é a Estrada Rio-São Paulo, um transtorno diário: Buraqueiras e intenso tráfego de ônibus, vans, caminhões, carros de passeios, carretas de grande porte, além de carroças, que utilizam o bairro, como rota para os municípios de Seropédica e Itaguaí. Esses municípios reúnem diversas indústrias e também, funcionam como elo com a Avenida Brasil.

Passarelas para pedestres, passagens subterrâneas e semáforos não existem no local. A travessia se dá entre o tráfego e por conta desses fatos há uma infundável quantidade de quebra molas levando a um congestionamento crônico.

Por se tratar de uma via federal o problema da mobilidade perpassa as relações de poder público entre os órgãos municipais, estaduais e federais.

No km 32 o modelo sócio econômico é caracterizado por uma desigualdade extremas e comparado ao das áreas mais nobres da cidade.

Apesar de toda a problemática provocada pelo descaso do poder público, o bairro começa a dar indícios do modelo que vem surgindo em Nova Iguaçu, que é o crescimento de uma rede de comércios e serviços voltada a atender a população local e que levará, no caso do km 32, à diminuição da demanda pela procura dessa rede, no bairro de Campo Grande, zona oeste do Rio de Janeiro, uma vez que é para lá que os moradores da região se dirigem.

Ao longo da história de Nova Iguaçu vários estudos mostram que a cidade vem sofrendo esse processo de reconfiguração sócio espacial em toda a sua extensão. O seu desenvolvimento e crescimento a leva assumir características das quais, Lefebvre (1999) trata em seus estudos: “a cidade industrializada, em sua revolução urbana, implode sobre sua centralidade e explode em forma de tecido urbano sobre seu entorno”.

Esse processo talvez faça o bairro km 32 e seus moradores desenvolver futuramente algumas características sócioespaciais da área central de Nova Iguaçu, mas respeitando a funcionalidade da dinâmica local e, com isso, talvez proporcione ao km 32 uma reconfiguração espacial da região.

### 3.5 A DIFERENCIAÇÃO SOCIAL E A TRANSFORMAÇÃO DA VIOLÊNCIA URBANA IGUAÇUANA: DOS JUSTICEIROS AOS TRAFICANTES DE DROGAS

A segregação social no município, cada vez mais, dá indícios de uma questão, que há muito tempo vem modificando a vida iguaçuana: a violência da metrópole chegou à região.

O desenvolvimento da cidade, a chegada das classes mais elitizadas, a transformação urbana da cidade, modificou o cotidiano da população provocando um crescimento excludente sócio espacial, que permite um aumento das favelas e o domínio do território pelo

tráfico de drogas. Esse fenômeno é de fato muito novo e vem chamando a atenção não só das autoridades, como também, da população.

Nas diversas faces da reestruturação urbana, a violência é mais um fator a ser considerado. É importante aqui tratar essa questão, uma vez que, as características da violência iguaçuana sofreram uma transformação, em função da migração daqueles que buscaram na periferia, a civilidade perdida e, a não convivência com as classes mais pobres. Os espaços urbanos públicos da cidade do Rio de Janeiro, já não são mais funcionais por terem se tornado um palco aberto de conflitos dominados pelo crime.

Nova Iguaçu, anteriormente, chegou a receber da ONU o título de cidade mais perigosa do mundo (Silva, 2003). O fim da ditadura e a fase de transição democrática, no governo brasileiro, houve momentos de grandes tensões sociais por causa do desemprego e das mudanças ocorridas. A criminalidade começou a se alastrar, sobretudo nas regiões periféricas das metrópoles.

Os municípios da baixada fluminense eram os mais violentos. No ano de 1980, a região registrou 2000 assassinatos. Nesse período surgiu a figura dos justiceiros e dos grupos de extermínio (responsáveis por eliminar criminosos), que eram formados, em sua maioria, por policiais militares da ativa e da reserva (REVISTA DE HISTÓRIA.COM. BR, 2014).

Nova Iguaçu ficou conhecida como “lugar de desova”, que significa na linguagem popular: lugar onde se oculta cadáver. A figura mais importante dessa época era o “Mão Branca”, suposto justiceiro, que assumiu a autoria de várias mortes.

Segundo as pesquisadoras, Ana Lucia Enne e Betina Pepe Diniz (2005) “Mão Branca” seria um nome simulado para esconder aqueles que, realmente, praticavam essas mortes. A população se sentia segura e fascinada por saber que a criminalidade em Nova Iguaçu e outros municípios não ganhava terreno.

Passada a época dos grupos de extermínio, Nova Iguaçu continuou sendo vista como cidade violenta, território de matadores de bandido. Terminologias do tipo “bandido bom é bandido morto” até então eram muito comuns entre a população local. Mudou-se o foco. Não existem mais “justiceiros” na cidade. Estes deram lugar aos criminosos que praticam ações ilícitas e violentas contra a população local.

Essa migração foi potencializada com a implantação das UPPs (unidades pacificadoras da polícia) nas favelas da metrópole do Rio de Janeiro e, também, pelo fato de que, em Nova Iguaçu há uma carência de segurança pública (Viva Favela, 2014).

Os criminosos invadiram o Estado do Rio de Janeiro e fincaram as suas bases operacionais em todas as favelas existentes, inclusive em Nova Iguaçu. O medo ganhou terreno na cidade, ao mesmo tempo em que a violência mudou de forma.

Chegaram as classes com maior poder aquisitivo e com elas os milicianos<sup>3</sup> e os traficantes provenientes da cidade do Rio de Janeiro. A população, o poder público e a segurança pública local se mostram impotentes frente a essa nova forma de violência na região.

Dados recentes do Instituto de Segurança Pública (ISP) mostram que muitos crimes de fato tiveram aumento expressivo entre 2012 e 2013: homicídio doloso (39,6%), tentativa de homicídio (35%), roubo à transeunte (32,2%), lesão corporal dolosa (11,3%) e estupro (2,5%) e em 2015, estes índices cresceram cerca de 30% (ISP, 2015).

Ações para combater o crime já começam a ser pensadas e a principal delas é a implantação de um batalhão da polícia militar na Avenida Abílio Augusto Távora (antiga Estrada de Madureira), pois o 20º Batalhão, situado em mesquita, serve a 3 municípios: Nova Iguaçu, Mesquita e Nilópolis não dando conta da demanda atual da violência.

A violência Iguaçuana fica cada vez mais expressiva à medida que a diferenciação sócioespacial ganha mais visibilidade. A mudança das características desse fenômeno na cidade é tão recente, que ainda não produziu uma bibliografia específica para registrá-lo.

Este capítulo procurou abordar questões sobre a cidade de Nova Iguaçu, com relação a sua atual transformação sócioespacial, onde cada vez mais se apresenta uma forte e crescente separação de classes e de território.

Esse cenário é tratado por Simões (2006) em sua obra, quando aborda sobre o modelo de expansão urbana segregada. Esse modelo teve sua origem na Europa, no início do século XIX, a partir da crítica feita à cidade industrial ou capitalista.

Segundo Simões (2006), o crescimento demográfico e o aumento da urbanização foram fatores que levaram ao nascimento das grandes metrópoles Paris e Londres. Cidades cuja “aglomeração de trabalhadores pobres e muito próximos das elites” provoca um sentimento de insegurança por parte das elites, devido à grande movimentação nas ruas (SIMÕES, 2006).

---

<sup>3</sup> No Rio de Janeiro, o termo Milícia foi associado a práticas ilegais de grupos formados em comunidades urbanas de baixa renda, como conjuntos habitacionais e favelas, sob a alegação de combater o crime narcotráfico. Porém, eles se mantêm com os recursos financeiros provenientes da venda de proteção da população carente e cobrança de pirataria na rede de informação.

De um lado a burguesia cada vez mais enriquecida e de outro lado uma população empobrecida vivendo em condições precárias o que leva a estudos voltados a alertar a burguesia a limitar a desumanização da força de trabalho (SIMÕES, 2006).

Segundo Simões (2006) estudos surgiram propondo modelos teóricos voltados à separação de classes sociais. Visando não somente a transformação da sociedade como também a transformação do espaço a fim de organizar o caos existente.

Dois tipos de modelo são criados, segundo Simões (2006) para a habitação:

[...] de um lado a criação de vilas e bairros operários onde se percebe uma alta taxa de ocupação do solo com a utilização quase total dos terrenos localizados próximos as áreas industriais e/ou centros de negócios e serviços. Do outro lado surge o típico bairro burguês inspirado num anti-urbanismo e na recuperação de elementos da natureza. Este modelo se baseia na produção de bairros onde há ruas arborizadas e largas para facilitar a circulação do ar, sistema de coletas de esgoto, pavimentação espaços verdes [...]

Simões (2006) ressalta que o padrão do bairro burguês seria, na visão dos pré-urbanistas e urbanistas, voltado aos operários, porém o alto preço dos terrenos dificultava a venda a preços baixos. A burguesia e a crescente classe média se estabeleciam nesses bairros gerando assim o conceito de “subúrbio ou bairro exclusivo” (SIMÕES, 2006).

O autor faz uma crítica à adoção desse modelo no Brasil, que foi adaptado e sofreu algumas alterações. No caso dos bairros exclusivos, tanto a classe operária quanto a classe média se estabeleceram no mesmo território, porém a classe de menor poder aquisitivo ficou desassistida e a classe média vivendo em melhores condições sócio-espaciais. Caracterizando o bairro exclusivo e os loteamentos populares numa mesma área (Simões, 2006).

Esse modelo se consolidou no Rio de Janeiro ocasionando uma preocupação em relação aos mais pobres, já que a crescente migração criava problemas quanto à habitação, pois na área central não havia espaço para tantas pessoas, o que ocasionou o aparecimento das favelas e a consequente expansão aos subúrbios da metrópole carioca (SIMÕES, 2006).

A baixada fluminense, onde está situado o município de Nova Iguaçu, passa a sofrer uma transformação urbana com loteamentos populares e a dinâmica da autoconstrução.

Essas transformações sócioespaciais que marcaram a capital o Rio de Janeiro, se fazem ainda presentes na dinâmica do crescimento urbano iguaçuano e carrega as características do modelo de expansão urbana segregada, gerando segundo Simões (2006) uma imensa transformação no território consolidando o processo de transformação sócioespacial.



## CAPÍTULO 4 - AS IDÉIAS SOBRE A PÓS-METRÓPOLE

Através dos discursos de Soja (2000) e tomando como referência o que Simões (2006) trata em seu estudo sobre a fragmentação urbana e os processos sócioespaciais recentes da baixada fluminense é que se pretende analisar o fenômeno Exópolis como sendo o que caracteriza a dinâmica de espraiamento da cidade de Nova Iguaçu.

Antes é preciso esclarecer a cerca desse fenômeno e de suas configurações uma vez que este se refere a uma série de transformações no ambiente construído e, conseqüentemente na forma urbana. Essas transformações geralmente acontecem de maneira isolada da malha urbana onde antes eram zonas rurais.

Simões (2006) ao denominar Nova Iguaçu de Exópolis, se remete às análises de Soja (2000) sobre as transformações sócioespaciais de Los Angeles, que o levaram a formular o conceito de Pós-metrópole. Esse conceito foi dividido pelo autor em 6 discursos.

A Exópolis se refere ao crescimento para além da metrópole, ou seja, o tecido metropolitano se estende sobre seu território originando novas formas espaciais urbanas. O surgimento de parcelamentos residenciais horizontais privados em locais próximo à natureza e longe da violência e do caos, o aparecimento de centralidades com ofertas de bens e serviços em menor escala e tamanho da área central, como faculdades, *shopping centers*, edifícios comerciais, hipermercados entre outros são algumas das características desse fenômeno (SIMÕES, 2006)

Os subúrbios brasileiros, em geral, têm uma conotação histórica própria. Eles são diferenciados em função de sua população por ser dita, em sua maioria, como excluída e de baixa renda, que marca as características de suburbanização, onde há a deficiência ou até mesmo a ausência de infraestrutura urbana, caracterizando assim, uma enorme diferença dos subúrbios americanos, que eram voltados à classe média (SOJA, 2000).

Os incentivos promovidos pelo governo americano como o baixo custo do automóvel, a melhoria da qualidade das rodovias do país, possibilitando uma melhor e maior circulação de automóveis cobrindo maiores distâncias, o baixo custo do combustível, potencializando ainda mais, o uso do automóvel, a construção em massa de casas padronizadas no subúrbio, a preços acessíveis, possibilitando à classe média americana separar o lugar de moradia do lugar de trabalho e assim fugir dos problemas urbanos (SIMÕES, 2006)

Os dois contextos carregam entre si, uma semelhança no momento histórico atual do processo de metropolização, que Soja (2000) classifica de Pós-metrópole: “um período definido pela emergência de mais de uma variação do urbanismo como modo de vida”, ou

seja, contemporaneamente ocorre uma reestruturação das metrópoles onde os processos sócioespaciais ganham novas formas e adquirem novos conceitos, os quais Soja (2000) divide em seis discursos para tratar os fenômenos urbanos.

#### 4.1 – OS FENÔMENOS URBANOS SEGUNDO SOJA

Soja (2000) apresenta seis discursos onde retoma obras de vários pensadores sobre a dimensão concebida do espaço ou da pós-metrópole.

O interessante é que Soja (2000) chama a atenção nesse livro para as mudanças sociais, que são cada vez mais vistas como transformações urbanas, ou seja, as transformações urbanas se entremeiam às transformações sociais. Não se concebe mais discutir a metropolização, sem pensar nas questões sociais, que interferem e sofrem interferência das questões urbanas.

O primeiro discurso é o da *Metrópole Industrial* que originou, segundo Soja (2000) fenômenos até então nunca experimentados pelas sociedades. O crescente número de pessoas concentradas em um mesmo espaço envolvidas pela engrenagem industrial urbana tendo o capitalismo como força motriz.

O capitalismo modificou o comportamento de todos em função do consumo e da produção exacerbada. As lutas de classe, movimentos operários, heterogeneidade, social, cultural, discussões políticas e sociais ocuparam seu lugar na metrópole e foram transformando e modelando o espaço de acordo com os interesses daqueles que possuíam o poder de controlar a economia e a sociedade.

É importante ressaltar que seguindo essa lógica o espaço urbano foi se organizando em função daqueles que o habitavam. Surgem então os bairros residenciais aristocratas, operários, marginais e as zonas industriais.

Segundo Soja (2000) as metrópoles em função da industrialização sofreram um intenso movimento imigratório e o consequente aumento populacional urbano interferindo na infraestrutura das cidades, o que levou ao assentamento dos assalariados aos subúrbios. O autor marca essa dinâmica urbana a partir da década de 60.

Soja (2000) em seus estudos faz referência à cidade de Los Angeles. Ele analisa o crescimento dessa cidade justificando a semelhança do fenômeno com outras cidades quando se deu a criação de inúmeros municípios próximos ao entorno das metrópoles.

Entre as décadas 30 e 70, houve o abandono dos espaços ocupados, tanto pela indústria automobilística, locomotiva do fordismo<sup>4</sup>, quanto pelas demais indústrias. Grandes

---

<sup>4</sup>Sistema de produção em série, criado por Henry Ford. Revolucionou a administração, por permitir produção barata e em maior quantidade.

perdas econômicas ocorreram e elevados foram os índices de desemprego, violência e exclusão nas grandes cidades, devido à crise do capitalismo, que teve seu início em 1929, conhecido como “A Grande Depressão”.

A crise levou uma parte da classe média a deslocar-se para o interior, em busca de uma melhor qualidade de vida e restou à metrópole uma população menos qualificada inserida no mercado de trabalho com menor remuneração e também houve aqueles que se inseriram no mercado da informalidade.

Esse processo de declínio da metrópole industrial aliado ao surgimento das políticas neoliberais<sup>5</sup> leva a uma reestruturação econômica a nível mundial e já, na década de 90, as metrópoles apresentam uma mudança político-econômica e urbana (SOJA, 2000).

Soja (2000) nesse discurso tece uma crítica em relação à pós-industrialização e ao pós-fordismo<sup>6</sup>: [...] a ligação dinâmica entre desenvolvimento industrial e urbano é vista como a força fundamental, que modela o que é descrito [...]

A industrialização, segundo Soja (2000) ainda é o motor da economia, apesar da reformulação da indústria quanto aos padrões clássicos atrelados ao pós-fordismo: a produção e o consumo em massa, que se fazem fortemente presentes na sociedade urbana atual.

Na década de 90 surge, em alguns países, uma nova tendência quanto à forma urbana que se modifica em função de uma maior concentração, no entorno da metrópole formando extensas aglomerações populacionais.

Quanto à economia, os processos de competição e de mobilidade do capital apresentam uma grande concorrência entre países ávidos por investimentos milionários; quanto à política voltada ao neoliberalismo houve o enfraquecimento e a descentralização da política estatal e o consequente fortalecimento das políticas regionais configurando as políticas públicas, sociais e espaciais altamente inovadoras.

No segundo discurso: *Cosmópolis*, Soja (2000) discute a questão da globalização como fator preponderante para as novas tendências como a reorganização dos mercados mundiais, dos padrões de mobilidade dos povos, a interligação de todos os pontos do planeta, nova divisão sócioespacial do trabalho e uma ampliação da escala regional das pós-metrópoles.

---

<sup>5</sup>Conjunto de idéias políticas e econômicas capitalistas que defende a não participação do estado na economia. De acordo com esta doutrina, deve haver total liberdade de comércio (livre mercado), pois este princípio garante o crescimento econômico e o desenvolvimento social de um país.

<sup>6</sup>Caracterizado por novas formas de organização produtiva advindas da crise do Fordismo-Taylorismo, combinado com as transformações da terceira revolução industrial e a consequente reestruturação produtiva.

O autor também faz uma análise sobre a cultura mundial, a qual chama de “economia cultural mundial”, que trata da evolução da informação e dos meios de comunicação interligados a todas as cidades, a qual denomina cidades globais (SOJA, 2000).

O espraiamento da pós-metrópole é o tema de seu terceiro discurso. O autor aborda sobre a *Exópolis*, em que o tecido metropolitano, no processo de reestruturação da metrópole, se estendeu sobre o território originando novas formas espaciais urbanas, “metropolizando” os espaços das cidades (SOJA, 2000).

A nova metrópole, numa visão macro em termos de urbanização, cada vez mais se apresenta homogênea e, na visão micro, cada vez mais fragmentada e desigual; isto significa dizer que a metrópole apresenta pontos de concentração urbana no seu entorno.

O tecido urbano avança em direção aos territórios antes ditos rurais, formando uma urbanização dispersa com a reprodução infinita de assentamentos para população de baixa renda apoiados pelos sistemas de infraestruturas viárias.

O fenômeno se associa à “explosão do urbano” (Lefebvre, 1999) e se reconfigura cada vez mais fragmentado, no qual se observa um contexto econômico e social diferente, com áreas destinadas a diversos usos e conteúdos. Paralelo a esses está o aumento da mobilidade e da ocupação intensa de territórios, seja pela extensão ou densificação das periferias, o que gera uma dificuldade na gestão dessa extensa área cornubada, descontínua e heterogênea.

Soja (2000) dá destaque a este contexto urbano onde a suburbanização, o crescimento das periferias, a centralidade urbana e a oposição entre a cidade central e as cidades externas foram devido aos impactos sociais na fase de reestruturação industrial e que desencadeou o processo de metropolização.

Nos três últimos discursos tratados a seguir o autor humaniza suas ideias e se remete às questões sociais e também às subjetivas, que povoam o consciente coletivo, característica da pós-metrópole.

Em seu quarto discurso, *cidade fractal* que é um estudo das questões sociais nos espaços urbanos. A fractalização da pós-metrópole (aumento das desigualdades sociais, da segregação residencial, da delinquência, do conflito social etc.) está inserida nos novos processos de urbanização: reconstituição dos espaços levando à urbanização extensiva e dispersa, a globalização econômica e cultural da paisagem urbana a privatização dos espaços públicos, o surgimento de novas formas de polarização sócioespacial e contínua transformação da vida urbana (Soja, 2000).

Associado a este contexto há o aumento da pobreza urbana, das desigualdades sociais, espaciais e novas formas de exclusão e segregação gerando o aumento da criminalidade, a

carência dos serviços públicos e da infraestrutura urbana e ainda, intensificando os problemas sociais.

Esse discurso de Soja (2000), ainda demanda discussões e estudos posteriores, uma vez que a exclusão sócioespacial e a interdição dos direitos básicos à maior parte da população de outras metrópoles são questões recorrentes de sua condição histórica.

É o caso do Brasil e de outros países em desenvolvimento, com referência às reformas econômicas e políticas implantadas na década de 90, em que sofreram sérias e graves consequências, o que não se deu com os países do 1º mundo.

Já no quinto discurso, *arquipélagos carcerários*, Soja (2000) discute a produção de “novos produtos” imobiliários, que se apresentam sob a forma de condomínios e loteamentos fechados, configurando uma nova divisão social no espaço urbano.

Esses empreendimentos imobiliários são voltados, a princípio, às classes de maior poder aquisitivo, que por sua vez, ao não se sentirem mais seguras nos espaços ocupados na pós-metrópole, por terem que conviver com a marginalidade, com a insegurança urbana, com classes de menor renda, com a disputa pelos espaços vêm aí uma solução para seus problemas aliados ao ideal de cidade.

As *simcities*, o sexto discurso, Soja (2000) trata da criação das cidades ideais, a partir da ideia de cidade que se passa no inconsciente coletivo, que já tenha existido ou talvez, nunca tenha existido.

É a cidade simulada, marcada pelo crescente poder político e social das simulações do real como substitutos lógicos e comportamentais para “eventos e condições materiais reais”. Implica “uma mudança radical no imaginário urbano”, na maneira pela qual nossas imagens do ideal são relacionadas com a própria realidade (SOJA, 2000).

Soja (2000) critica essa ideia, uma vez, que sua tendência é filosófica materialista, mas não descarta que as desconstruções e reconstituições do modo de vida, da visão de mundo e do espaço vivido subjetivamente estão presentes no real coletivo urbano.

O que leva a pós-metrópole a criar formas subliminares de regulação social e espacial para manipular a mente dos cidadãos e seduzi-los aos grandes empreendimentos, que comercializa projetos urbanos ideais, as cidades planejadas, *simcities*.

Configurando imagens de equilíbrio, mascarando embates políticos, sociais e econômicos, criando a fantasia de lugares seguros, civilizados, equilibrados e assépticos pelas indústrias que produzem o Estado-de-bem-estar-social para agradar o imaginário coletivo e materializar o consumo (SOJA, 2000).

O discurso das *simcities* remete-se ao fato que, as cidades simuladas promovem ao consciente coletivo que pode existir um lugar ideal para se viver longe dos elementos que compõem a pós-metrópole e que, de certa forma, conferem ao cidadão uma sensação de sonho concretizado.

Soja (2000) em sua trilogia traça uma importante defesa sobre os processos que levam a transformação da metrópole na década de 60 em diante. A partir de seus conceitos e ideias outros autores buscam interpretar os fenômenos de acordo com a história, características e semelhanças sócioespaciais de cada metrópole estudada.

Esses autores entre eles, Simões (2006) problematizam os processos urbanos com diferentes abordagens, onde o urbano e o rural são analisados e a eles se associam uma gama de informações que buscam retratar as transformações sócioespaciais na trajetória histórica das metrópoles, as suas particularidades e seus contextos políticos econômicos.

Vários estudos de autores sobre os fenômenos urbanos, que fazem referência à dinâmica de expansão metropolitana, em suas abordagens, tentam compreender as modificações internas entre centro e periferia e as modificações entre a periferia e suas regiões mais distantes.

Com isso surgiram novas denominações e novos modelos urbanos: margem ou franja metropolitana (português), *border*, *edge*, *rural-urban-fringe*, *urban ou metropolitan fringe*, *edgocities* (anglo-saxônico) e ainda os termos exurbia ou Exópolis, que caracteriza áreas localizadas fora dos limites dos subúrbios das metrópoles. Vale apresentar a sistematização (quadro 2) traçada por Soja (2000), no sentido de facilitar a compreensão dos fenômenos urbanos, uma vez que, estes demandaram grupos internacionais de pesquisas, dada a importância e a relevância desses estudos.

Estas novas conceituações para os fenômenos recentes sobre as novas estruturas sócioespaciais da forma urbana, não serão aqui discutidos, mas são passíveis de estudos futuros, pelo simples fato da dinâmica de modificações entre as periferias e suas centralidades precisarem ser mais bem compreendidas.

Denominação do fenômeno	Abordagens	Principais características
Metrópole industrial Pós-fordista (Tecnópolis)	Perspectivas mais influentes para	Reestruturação da economia geopolítica de urbanização e a emergência de metrópole em moldes flexíveis

Cosmópolis	explicar as causas dos novos processos de urbanização	Ênfase da explicação dada à globalização e localização de capital, trabalho e cultura e à formação de uma nova hierarquia de cidades globais ou mundiais; espaços urbanos extremamente heterogêneos.
Exóplis	Abordagens focando os resultados ou consequências urbanas da globalização e reestruturação econômica pós-fordista	Observa a reestruturação (também regional) da forma urbana ao nível espacial, a descentralização e recentralização do espaço urbano que revira a metrópole de dentro para fora e de fora para dentro, desafiando definições convencionais do urbano, suburbano, extraurbano, non-urbano e rural. Dirige sua atenção ao mosaico social reestruturado e a emergência de novas formas de metropolaridade, desigualdade, marginalização étnica e racial no meio de uma riqueza extraordinária.
Cidade Fractal		
Arquipélago Carcerário	Perspectivas voltadas para questões da gerência da sobrevivência da pós-metrópole	Descreve espaços fortificados com sistemas de vigilância e tecnologias que respondem a uma “ecologia do medo”, na medida em que, substituem cada vez mais “polis” por “polícia”.
<i>Simcities</i>		A pós-metrópole compreendida como aglomeração de <i>simcities</i> onde o imaginário urbano é reestruturado, tanto em manifestações eletrônicas como materiais de um ciberespaço o que aumentao que pode ser chamado de hiperrealidade da vida cotidiana; a vida urbana é crescentemente realizada como um jogo de computador o que confunde as fronteiras entre mundos reais e imaginados.

Quadro 2- sistematização de Edward Soja – Pós-metrópole

Fonte: Soja, 2015

#### 4.2 – OS ESTUDOS DE SIMÕES

Simões (2006) em sua obra discute as transformações urbanas ocorridas na baixada fluminense. O autor discute as inúmeras emancipações sofridas pela região que tem como

resultado um intenso processo de diferenciação comandada pela dinâmica política e econômica, o que dá origem a diversas identidades territoriais, sociais e culturais.

Apresenta os municípios da baixada fluminense com suas características, que remetem aos anseios daqueles, que dominam e buscam as emancipações para se manterem no poder e daqueles que são dominados, mas buscam uma melhoria na qualidade dos espaços ocupados, que acabam interferindo e produzindo diferenciação na metropolização de cada município e seus distritos e bairros.

Simões (2006) se dedica a realizar um balanço dessas transformações da baixada fluminense e trata também do contexto e momento histórico quando traça a trajetória do desenvolvimento de vários núcleos urbanos fluminenses que surgiram e desapareceram como freguesias, vilas, distritos, municípios e que retratam o processo de fragmentação da baixada fluminense.

O autor ainda indica novas tendências e possibilidades de transformação, tanto nas estruturas sócio espaciais, como também nas estruturas políticas e econômicas, o que leva a demonstrar que o fenômeno urbano ainda é muito contemporâneo, passível de muitas discussões.

Simões (2006), a partir das análises de Soja (2000), entre outros autores, que tratam do estudo da metropolização das periferias, traça um estudo sócio político e econômico de cada município emancipado (Japeri, Queimados, Mesquita, Nilópolis) e seus processos de reorganização da estrutura e da autonomia que cada região adquire e de como se articulam, em relação a seus núcleos.

O autor trata também, em sua obra, como o fenômeno urbano transcende a cidade e passa para uma escala regional em que, questões como a sub-urbanização, o crescimento das periferias e a centralidade urbana são discutidas dentro do conceito de reestruturação da forma urbana, ou seja, o espraiamento das cidades-dormitórios.

E nos anos 70 e 80 esse espraiamento nos centros urbanos brasileiros foi intenso devido à aprovação do poder público em promover ou permitir a instalações de conjuntos habitacionais em locais distantes das áreas urbanas consolidadas, a pretexto de preços mais acessíveis estimulando a especulação imobiliária, dada a sua dificuldade na gestão do uso e ocupação do solo que acabou por demandar alterações pontuais na legislação específica e na definição da legislação de perímetro urbano e de zonas de expansão urbana.

Vale comentar que o espraiamento permitiu uma visão pessimista associada aos processos de marginalização e periferização da pobreza no contexto de expansão metropolitana tratada nos estudos urbanos brasileiros (RICARDO OJIMA et al, 2010).



Esse fenômeno vem ganhando um novo perfil, em função da modernização urbana das metrópoles, que trouxe uma mudança qualitativa quanto a sua funcionalidade. O expressivo crescimento trouxe uma crescente ideia de que urbanização e metropolização não são mais vistas como símbolo de desenvolvimento.

O sistema capitalista transformou as relações sócioespaciais das metrópoles, em organizações disfuncionais, que tentam o tempo todo o reordenamento de sistema que aparenta estar a caminho da falência.

Essa disfuncionalidade é que permite que o espraiamento seja observado como a busca das classes mais favorecidas economicamente por lugares mais tranquilos e fora das metrópoles, o que leva a uma visão intrínseca sobre os problemas da metrópole não fazerem parte desses novos núcleos, por serem vistos como fatores exógenos.

Não se vê nenhuma relação ou compromisso, a partir do momento em que se obtém o isolamento e, sob este aspecto, tem-se também que considerar outro fenômeno, o da gentrificação.

Com um sentido negativo, a gentrificação promove a fragmentação e a exclusão sócioespacial das classes mais pobres, ocupantes de áreas, que sofrerão uma reorganização espacial com melhoria na qualidade de comércios e serviços visando atender a um grupo de poder aquisitivo maior.

A visão pessimista dos subúrbios surgiu no século XVIII, na Inglaterra durante a revolução industrial, quando as cidades se tornaram poluídas, hostis, insalubres, com massa de trabalhadores instalados em residências pobres e fétidas levando a classe de melhor poder aquisitivo sair das cidades, cujo espaço social se tornara desagradável, opressivo e perigoso em busca de lugares que não sofreram essas transformações sócioespaciais.

E a ideia contemporânea é exatamente essa: deixar a metrópole, mas ficar numa cidade próxima que mantenha os aspectos de civilidade e urbanidade, além de permitir o acesso à metrópole sempre que necessário.

Quando as cidades são vistas como paradigmas cósmicos ou centros de civilidade e liberdade, viver longe delas nos - subúrbios - é estar fora dos limites, é estar em uma zona intermediária onde os homens não podem alcançar a sua plena humanidade. Por outro lado quando as cidades são descritas como abominações, “antros de iniquidade”, os subúrbios adquirem um brilho romântico, quando não sagrado. (RICARDO OJIMA et al, 2010 apud Tuan)

A história mostra que neste processo são as elites que reestrutura os espaços urbanos por sair primeiro das cidades para os subúrbios. E no contexto brasileiro, nos últimos trinta anos, os estudos mostram uma dinâmica socioeconômica semelhante de espraiamento. A

periferia no passado destinava-se aos mais pobres, nos dias atuais a periferia convive com as classes pobres e as mais abastadas.

#### 4.3 - O MODELO DE EXÓPLIS BRASILEIRA

É um dos casos mais conhecidos no Brasil é do Estado de São Paulo, em 1973, na região metropolitana, em Barueri, chamado de “Complexo Urbano de Alphaville” (figura 38), que a princípio tinha o propósito de empreender loteamentos, ditos “sustentáveis”, voltado a indústrias e escritórios.



Figura 38 - Complexo Urbano de Alphaville

Fonte: <https://alphavilleimoveis.wordpress.com>. Acesso em Ago/2015

Com a chegada de grandes empresas à região, criou-se a demanda de moradias e em 1975, a Alphaville lança os primeiros lotes voltados à residência e se torna em pouco tempo um complexo condominial fechado formado por um centro comercial, um *shopping center*, escritórios e variados serviços (escolas, clínicas, entre outros), equipado com infraestrutura, onde as casas seguem um padrão determinado.

É oferecido um excelente padrão na qualidade de vida integrado ao lazer, moradia, educação, serviços com segurança e contato com a natureza (ZANOTELLI E FERREIRA, 2012).

Alphaville I está situada há 23 km do centro de São Paulo, na periferia da cidade, local que antes era uma chácara “no meio do nada, cheia de cobras e vazia de gente” (MORADORES-FOLHA UOL, 2010).

Segundo Zanotelli e Ferreira (2012), estudos realizados por alguns pesquisadores como Caldeira, 2000 e Freitas, 2008 e Romero, 1997, que defendem os conceitos de segregação e exclusão sócioespacial, o complexo urbano Alphaville pode ser considerado um exemplo de Exópolis brasileira, dada as suas características de urbanização, no contexto sócio espacial da cidade de Barueri.

Com a discussão acerca da dinâmica sócioespacial e econômica apresenta dano estudo do complexo de Alphaville torna-se possível discutir a afirmação de Simões (2006), ao denominar Nova Iguaçu de Exópolis. Isto por que a cidade, em seu contexto histórico, sócio espacial e econômico, foi marcada por uma dinâmica de partilamentos e movimentos emancipatórios, que permitiu uma reconfiguração semelhante ao fenômeno de espraiamento urbano.

Nova Iguaçu vem vivenciando um processo dinâmico de reestruturação sócio espacial e, também econômico, que compactuaram para que a mesma estabelecesse a sua condição de cidade periférica em franca expansão urbana, reproduzindo em menor escala e tamanho os arranjos econômicos espaciais com praticamente as mesmas funções que os da metrópole.

Constituindo-se a princípio, numa cidade-dormitório com uma centralidade significativa amparada pelo processo de desenvolvimento local, a tendência da dinâmica urbana da cidade é por um modelo centro-periferia.

No centro se verifica um crescente grupo de alto poder aquisitivo, que vem crescendo à medida que a metrópole do Rio de Janeiro se apresenta cada vez mais disfuncional na resolução de problemas urbanos como violência, segurança entre outros, se contrapondo aos demais grupos que fazem parte da população e, que não possuem um padrão econômico que os permita viver no centro, conduzindo-os para a extensa periferia da cidade, o que mostra claramente que Nova Iguaçu é uma cidade emergente.

Nova Iguaçu desde a sua condição de Freguesia elevada à categoria de vila já se verificava uma transformação urbana que, bem mais tarde, se intensificaria com as emancipações, que lhe proporcionou uma profunda alteração sócioespacial.

Adequar-se às perdas territoriais e também às perdas econômicas levou a cidade a ganhar forças através de seus ciclos econômicos e das mudanças provenientes da metrópole. À época da industrialização a cidade novamente sofre uma renovação em seu espaço urbano e em suas condições sociais.

Após a queda da industrialização Nova Iguaçu sofre novas perdas territoriais, mas se reorganiza e recupera sua força com o ciclo econômico dos loteamentos, em que valoriza o uso e a ocupação do solo, tanto para as classes mais abastadas como para a população de baixa renda.

E o que se observa é um processo de construção de edifícios de luxo em uma área destinada culturalmente e historicamente para uma população melhor poder aquisitivo, que avança cada vez mais em direção ao seu entorno promovendo o processo de migração das classes menos abastecidas economicamente para áreas mais distantes do núcleo central, as extensas áreas rurais de Nova Iguaçu.

Nas áreas rurais da cidade podem sim ser, desta forma, consideradas periurbanas, pois nelas se observam alguns pontos para usos agrícolas e outros para usos urbanos e, conseqüentemente, percebe-se uma forte expansão do processo de urbanização (figura 39), que se dá através de loteamentos populares, conjuntos habitacionais e autoconstruções.

Neles se percebe o uso do espaço marcado pela ausência e a negligência do poder público e privado, destituído de infraestrutura, lazer, educação, saneamento básico, precariedade nos transportes, saúde, o que caracteriza o lado pobre da cidade.

E à medida que a cidade se expande consolida a barreira física e confirma a segregação sócioespacial, que surgiu desde a criação da Vila Iguaçu.

E o que também se pode perceber é que a expansão urbana da cidade trouxe algumas características, que são discutidas por Soja (2000), como o reordenamento frequente do sistema, a ausência de segurança, a falha do poder público em gerenciar as questões políticas e econômicas, a fragmentação sócioespacial, a ausência da qualidade de vida, a marginalização e a proliferação da violência nos espaços que antes não apresentavam intensamente tais aspectos.

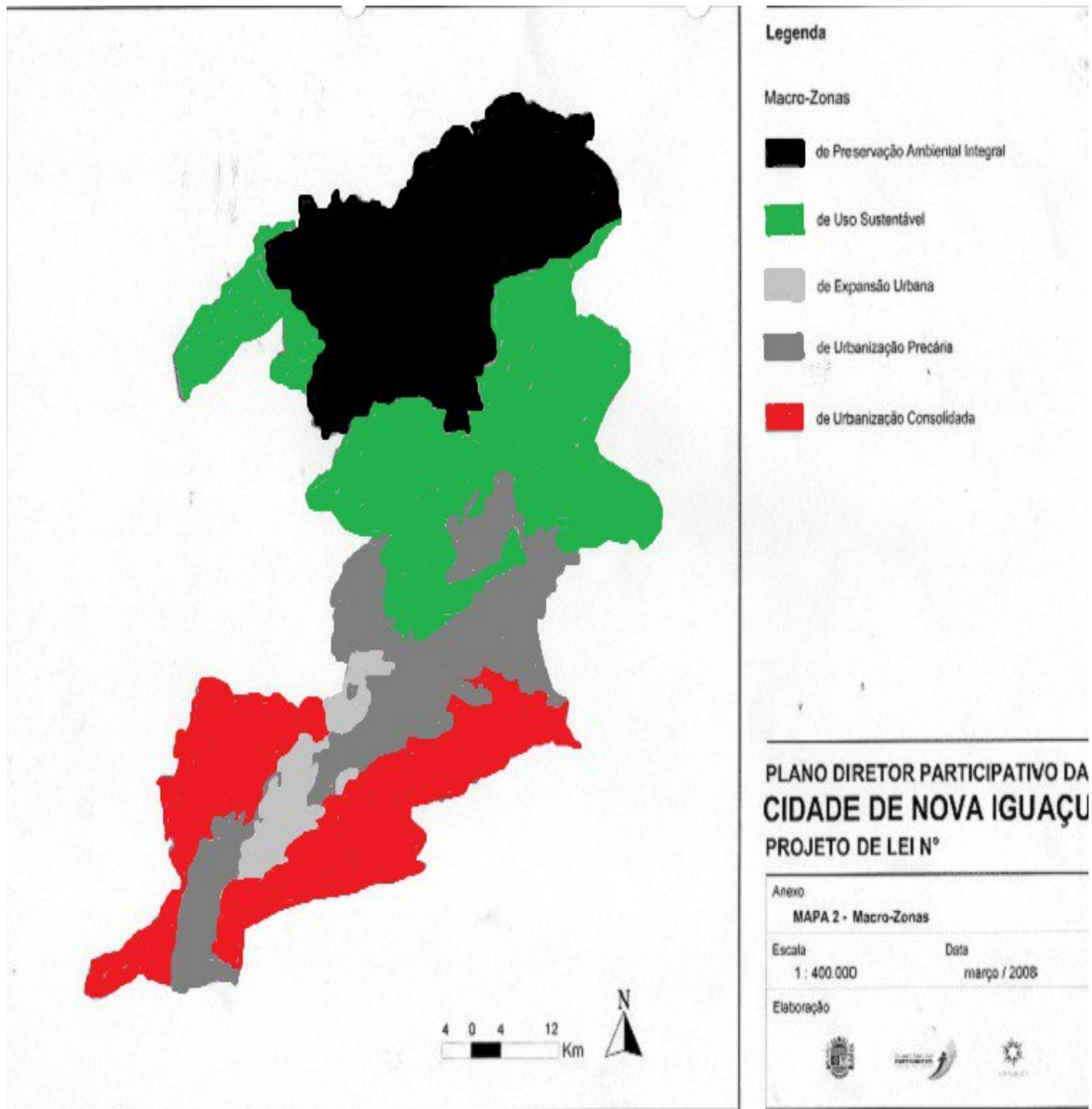


Figura 39 - Expansão urbana de Nova Iguaçu

Fonte: Simões, 2014

Ao se comparar Alphaville com a cidade de Nova Iguaçu percebe-se aí uma dicotomia quanto ao conceito, que se quer defender para ambos os casos, uma vez que a primeira é a busca pelo arquipélago carcerário, onde não teria que se conviver com a luta pelo espaço, com os que vivem à margem de uma sociedade em crise, pelo processo de reestruturação depois da crise, a pós-metrópole.

Tendo em mente que o ideal de cidade é coletivo e quando se busca a segregação pensa-se em uma *Simcities*, o ideal de cidade, então Alphaville, enquanto Exópolis brasileira, dentro dos aspectos da pós-metrópole. É um complexo urbano construído num território da cidade de São

Paulo, visando atender a demanda daqueles que não se permitem conviver numa metrópole carente de reordenação, não se permitem também compartilhar os espaços urbanos com aqueles de diferentes classes sociais e disputar o espaço social.

Alphaville em sua dinâmica sócio espacial também apresenta, ao mesmo tempo, aspectos de um arquipélago carcerário e de uma *Simcities*, por que, no momento, em que o ambiente foi pensado e construído no território de Barueri, visando atender a parcela da população economicamente mais guarnecida, o ideal de cidade se concretizou.

O ambiente real construído foi produzido para encantar aqueles, que sonham em não mais fazer parte de uma metrópole que se apresenta disfuncional, mais sim, pertencer e se identificar com um lugar civilizado e urbano.

#### 4.4 - AS IMPRESSÕES DA AUTORA SOBRE A CIDADE IGUAÇUANA

A cidade de Nova Iguaçu, dada todo o seu processo histórico de fragmentação e reorganização sócio espacial, em franca expansão periurbana, pode, dentro do contexto que está sendo analisado, ser tratada como uma Exópolis, porém tem-se nessa análise uma ressalva: Nova Iguaçu é uma cidade que emerge a seus espaços mais interioranos e se reorganiza de acordo com as características sócioespaciais e econômicas de cada área.

Em 2015, as transformações urbanas da cidade ainda estão em curso, e não se pode prever os rumos da sua condição sócioespacial futura. Nova Iguaçu apresenta um desenvolvimento imobiliário, que trás novos moradores provenientes de outros municípios e cidades, encantados pela possibilidade de morar em um lugar mais tranquilo e a poucas horas da capital.

A cidade se recuperou das crises econômicas provenientes das perdas de território e passou pelos ciclos do ouro, do café, da laranja, dos loteamentos, da indústria, retornou ao ciclo dos loteamentos paralelamente ao ciclo de comércio e serviços demonstrando ser uma cidade com potencial socioeconômico para se reformular e continuar sendo o município de maior expressão da baixada fluminense.

A chegada dos novos moradores, ricos e pobres trouxe uma movimentação aos espaços públicos nunca antes vista. Em Nova Iguaçu não havia população de rua e nem tampouco vida noturna expressiva. Não existia um cenário urbano moderno, nem do “outro” lado. A preocupação com a modernização deu início juntamente com a construção da Via Light, pelo menos nos lugares produzidos para atender a uma classe social de melhor renda.

Nova Iguaçu vivencia uma requalificação e uma elitização de serviços como hotéis, restaurantes, apart hotéis, bares, edifícios comerciais, grupos imobiliários, pólo da moda, pólo automotivo, que é o maior do estado do Rio de Janeiro e o pólo de cosméticos, o segundo maior do estado, conforme dados apresentados pelo observatório SEBRAE/RJ em maio de 2015.

A presença dessas novas modalidades comerciais e de serviços somados à população iguaçuana mais a chegada dos novos ricos e também de classes de menor poder econômico, provenientes de outros municípios, transforma o ambiente construído e o espaço sociopolítico, econômico e cultural de Nova Iguaçu.

Com as alterações sofridas, o rural, cada vez mais, deixa de fazer parte do cotidiano da maioria das pessoas que vivem nessa cidade. O processo de identidade, com a cidade foi estilizado, juntamente com o imenso território, que passou a ser fracionado, chegou à condição de Freguesia, depois passou de vila à cidade, periferia de uma metrópole. Foi, também, um processo transformado sinalizando uma forte reformulação do pertencer à Nova Iguaçu.

Essa forte noção de pertencimento coletiva interfere e sofre a interferência das inúmeras tentativas de recriar condições de sobrevivência após as crises sofridas pela cidade, a fim de incorporá-las aos novos arranjos do território.

Em Nova Iguaçu, no cenário atual, observa-se uma dinâmica urbana complexa. A cidade não é mais um espaço desvalorizado e excludente, onde se vivia sem sentimento de pertencimento, devido ao seu partilhamento e a consequente imagem de espaço físico e social degradado.

Nova Iguaçu, antes de 1980, enquanto periferia da metrópole era um território marcado pela ausência do poder público, carente de Infraestrutura, educação, saneamento básico, transportes e saúde, marcando assim, uma área tipicamente voltada às classes dominadas.

A região, por muito tempo, apresentou um cenário, que se destacou pelo seu elevado índice de criminalidade e atos violentos, evidenciando uma imagem negativa da cidade. Nova Iguaçu, em sua nova reestruturação, se destituiu a imagem negativa e ganha uma nova imagem, a de cidade emergente.

É fato que, enquanto a cidade fica cada vez mais urbanizada, os problemas relacionados ao crescimento urbano aumentam de proporção e Nova Iguaçu, já dá indícios de disfuncionalidade, que define bem o processo urbanização desurbanizada. Quanto mais à

cidade adensa às suas regiões mais periféricas, maior é a dificuldade para a gestão dessa extensa área.

Um exemplo a ser pontuado é que a cidade, embora em expressivo crescimento econômico, não possui efetivamente as necessidades básicas como tratamento e esgotamento sanitário, drenagem de rios da região, falta de água e pavimentação em regiões mais distantes do centro.

O sistema Nacional de Informações sobre Saneamento publicou em 2015, que “apenas 0,37% do esgoto da cidade é tratado e a perda de água é em torno de 30%. Algumas regiões não possuem água encanada, em outras a água é escassa, embora a estação de tratamento de água, a maior do mundo, listado no livro de recordes (*Guinness Book*), está localizada no km32. A pavimentação da cidade é precária e a coleta de lixo não existe em algumas regiões. Todo o sistema de saneamento básico é privilégio de poucos”.

A disfuncionalidade da cidade é, também, em função de sua característica histórica de área abandonada, destinada aos mais pobres, que não podem viver em outras áreas, tendo seus direitos à cidade, negados.

Uma vez que o processo de expansão se consolida por todo o território iguaçuano e os conjuntos habitacionais fechados, os condomínios residenciais cercados, vão tomando o lugar das autoconstruções, demarcando assim, a segregação sócio-espacial e levando-a a variadas transformações na forma do ambiente construído e também na forma espacial da cidade. Percebe-se então uma nova fragmentação da cidade, só que não a territorial, mas a sócioespacial-econômica.

Esse processo caminha paralelamente ao da expansão da cidade para as áreas rurais e envolve questões complexas como o aumento do valor para o uso e ocupação do solo, a periferização e exclusão da pobreza para áreas distantes do centro, o surgimento da marginalização e, no caso de Nova Iguaçu, a violência urbana, característica dos grandes centros se faz também presente.

O fenômeno urbano vivenciado pela cidade é tão complexo, que se torna difícil afirmar ser somente a Exópolis brasileira da baixada fluminense do Rio de Janeiro, pois dado o histórico de fragmentações e alterações da forma urbana iguaçuana, observa-se um *mix* de fenômenos em uma mesma região.

Em Nova Iguaçu estão inseridos alguns aspectos da cidade fractal, conceituada anteriormente no item 4.1, com o aumento da pobreza urbana, as desigualdades sociais, espaciais geradas pelas novas formas de exclusão e segregação potencializando o aumento da



criminalidade aliado a carência dos serviços públicos e da infraestrutura urbana, intensificando os problemas sociais, que sempre existiram na cidade.

O fenômeno arquipélago carcerário também se faz presente, uma vez que, aqueles de maior poder aquisitivo optam por condomínios ou loteamentos fechados e vigiados com os completos e modernos equipamentos de segurança, contribuindo e fortalecendo a segregação sócioespacial da cidade.

E para complementar a ideia de variados fenômenos ocorrendo na cidade, têm-se as *simcities*, onde as desconstruções e reconstituições em termos de pensamento coletivo, sobre o do modo de vida, a visão de mundo e o espaço que se ocupa subjetivamente, ganham forma no nível de realidade, através da fantasia de lugares seguros, civilizados, equilibrados e assépticos, pelas indústrias que promovem o Estado-de-bem-estar-social. O prazer do imaginário coletivo em materializar o consumo.

A cidade está mudando e poucos se dão conta que, as produções sócioespaciais da metrópole estão sendo reproduzidas no território iguaçuano e que, provavelmente, sofrerá uma nova expansão, uma nova urbanização em direção as suas áreas mais distantes.

Nova Iguaçu já apresenta indícios de novas especulações imobiliárias, em uma área dentro de uma remanescente reserva fundiária, na região sudoeste do município, onde se observa uma nova reorganização social denominada de Iguaçu Nova, uma área da antiga fazenda de Cabuçu (figura 40), na área da URG Cabuçu. Esta fazenda resistiu à fragmentação em loteamentos e a desapropriação para fins de reforma agrária, com 4,6 milhões de m<sup>2</sup>.

Setores residenciais multifamiliares já foram construídos e o projeto da cidade Paradiso prevê uma nova organização sócioespacial em oposição ao desordenado crescimento da cidade de Nova Iguaçu. Observa que a Iguaçu Nova ainda não é uma realidade, visto que a expansão e desenvolvimento urbano em Nova Iguaçu é um processo recente.

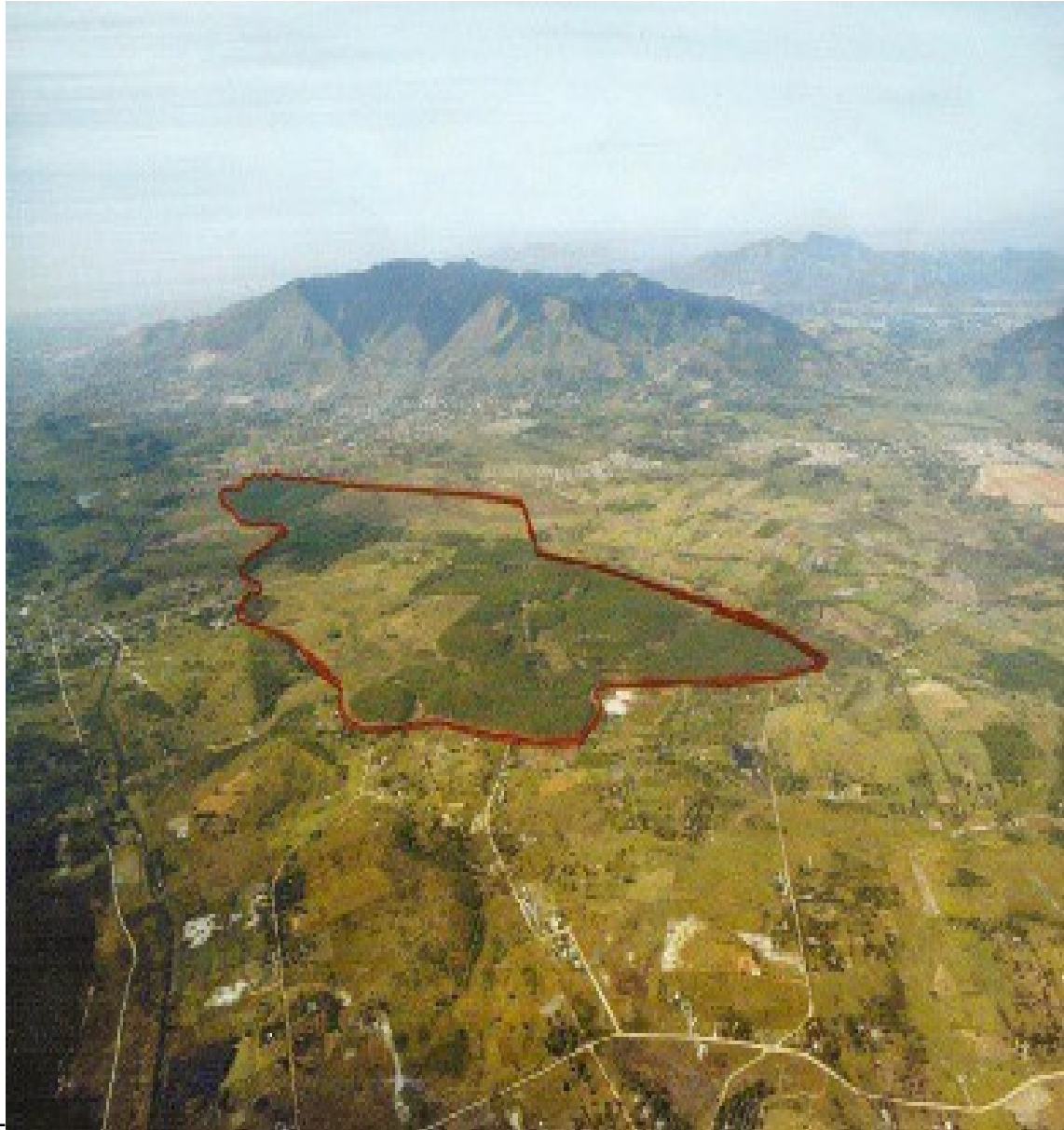


Figura Área da antiga fazenda Cabuçu.

Fonte: <http://geoeducador.xpg.uol.com>. Acesso em Fev/2015

O projeto (figura 41) dessa cidade prevê também setores residenciais unifamiliares, setores mistos, parque, heliponto, rodoviária, setores industriais, setores para habitações populares e áreas para esporte e lazer.

Iguaçu Nova também apresenta projetos voltados às vias de escoamento de produtos, já que terá um parque industrial. Situa-se em uma área estratégica, próxima a Rodovia Presidente Dutra na altura de queimados, próximo ao Arco Rodoviário e à Avenida Brasil, na zona oeste do Rio de Janeiro, e ainda a expansão da Via Light. A antiga rota da via férrea que ligava Austin à Santa Cruz, construída em 1928 deverá ser reativada (Simões, 2000).



Figura 41 Projeto Paradiso - A Iguaçu Nova

Fonte: <http://geoeducador.xpg.uol.com.br>. Acesso em 2015

A Iguaçu nova irá emergir, possivelmente, quando a cidade de Nova Iguaçu já não atender mais a população em relação a sua funcionalidade e passar a ser uma ex-cidade conforme Soja (2000) trata o fenômeno Exópolis.

Esse fenômeno é difícil de ser avaliado, pois seu curso ainda está em construção. Esta análise caberá a pesquisadores futuros, que certamente trarão uma discussão a cerca da capacidade sócioespacial e econômica de reestruturação.

Nova Iguaçu (figura 42) é considerada município mãe, a Exópolis da baixada fluminense, cidade de várias centralidades, onde o fenômeno de reestruturação da forma urbana deu seu início, a partir do momento em que a freguesia de Iguassu foi elevada à condição de Vila de Iguaçu e a metrópole já apresentava indícios de um sistema a caminho de uma desorganização sócio espacial.

Em 2015, a cidade está em plena reestruturação sócioespacial, mas já se observa uma crise provocada por esta reorganização, que certamente incorrerá em diversos fenômenos nos

espaços sócioespaciais, políticos e econômicos dada as suas características históricas de fragmentações territoriais.

A identidade da população com a cidade também vem sendo culturalmente construída e não importa qual foi ou será o marco importante para fortalecer o pensamento de se reconhecer como parte integrante do processo dinâmico de urbanização da cidade iguaçuana.

Iguaçu velha, cidade de Nova Iguaçu ou Iguaçu nova, não importa, nesta cidade o velho e o novo se justapõem e a identidade se manterá na memória daqueles, que são amantes da cidade de Nova Iguaçu.



Figura 42 - Nova Iguaçu

[http://2.bp.blogspot.com/6cwbZ\\_\\_xd1A/VLgCdewNC5I/AAAAAAAAOdY/e3dVh4QL590/s1600/1.jpg](http://2.bp.blogspot.com/6cwbZ__xd1A/VLgCdewNC5I/AAAAAAAAOdY/e3dVh4QL590/s1600/1.jpg)

Fonte:

Acesso em out/2015

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentando compreender o processo de formação socioespacial da cidade de Nova Iguaçu, foi realizada uma análise da formação histórica da região e sua fragmentação, no sentido de identificar as circunstâncias que contribuíram para as idéias de Simões (2006) sobre Nova Iguaçu ser considerada por ele uma Exópolis.

O primeiro capítulo dessa dissertação trata brevemente a formação do território expondo o objetivo que é discutir se o fenômeno Exópolis ocorre na cidade, tendo como justificativa a transformação urbana iguaçuana e sua dinâmica. O método de pesquisa se deu através das idéias de pesquisadores como Simões (2006) e Soja (2000) e a estrutura da pesquisa apresenta o que será abordado em cada um de seus capítulos.

O segundo capítulo buscou tratar o processo histórico da ocupação e da formação desde a vila de Iguassu, até a mudança da vila sede para Maxambomba e a consequente decadência da vila de Iguassu. A fragmentação das terras após a morte do Comendador Francisco José Soares, contribuindo para o surgimento de inúmeras propriedades e o aumento da população rural composta de pequenos produtores. A alta do ciclo econômico da laranja, entre as décadas de 1920 a 1950, que aumentou a imigração trazendo grupos distintos à região, um em busca do campo e o outro em busca de emprego na área urbana. Esse capítulo trata também dos processos de emancipações após o ciclo da laranja e o surgimento dos novos ciclos econômicos.

No capítulo seguinte foi examinada a estrutura sócioespacial da cidade dividida em 4 eixos (Via Dutra, Via Light, Central, Avenida Abílio Augusto Távora) e a segregação social do município onde o seu desenvolvimento promoveu a chegada das classes mais elitizadas provocando um crescimento excludente sócio espacial, que nas diversas fases da reestruturação urbana a violência é um fator a ser considerado, pois as características da violência urbana de Nova Iguaçu sofreram uma transformação que é aqui tratada.

No quarto capítulo foram apresentadas as idéias sobre a pós-metrópole que remete aos processos de produção socioespacial da cidade de Los Angeles que levou o autor Edward W. Soja a formular o conceito de pós-metrópole dividido em seis discursos referentes à estruturação da metrópole e entre eles está o da Exópolis, que significa o crescimento para além da metrópole, promovendo o surgimento de parcelamentos residenciais horizontais privados em locais próximos a natureza e longe da violência e do caos, o aparecimento de centralidades com ofertas de bens e serviços em menor escala e tamanho da área central. É o espraiamento da pós-metrópole, o tecido metropolitano, no processo de reestruturação da

metrópole, se estendeu sobre o território originando novas formas espaciais urbanas, que segundo Soja (2000) “metropoliza” os espaços das cidades antes ditos rurais, formando uma urbanização dispersa apresentando pontos de concentração urbana no entorno da metrópole.

O autor Manoel Ricardo Simões discute as transformações urbanas em seus estudos sobre a baixada fluminense se referindo as inúmeras emancipações do território e se dedica a realizar um balanço dessas transformações no contexto e momento histórico dos diversos núcleos urbanos fluminenses. O autor trata da metropolização das periferias e traça um estudo sócio-político e econômico de cada município emancipado incluindo Nova Iguaçu.

Ainda no capítulo quatro é apresentado um modelo de Exópolis brasileira, o “complexo urbano de Alphaville”, localizado na periferia, próximo ao centro Barueri (São Paulo), que apresenta características sócioespaciais de urbanização, semelhantes ao fenômeno de espraiamento tratado por Soja (2000). E também as impressões da autora sobre Nova Iguaçu ser uma Exópolis. Partindo das idéias de Soja (2000), a cidade sofreu uma reestruturação urbana, ao longo de sua história e nesse processo tem como dinâmica, as características inerentes ao fenômeno estudado, mas faz uma ressalva quando comenta que esse fenômeno Exópolis, não está consolidado, mas ainda em curso, dada a sua complexidade.

Considerando que Nova Iguaçu é uma cidade com quase 900 mil habitantes, situada na área metropolitana do Rio de Janeiro, aproximadamente a 39 km da capital, região cujas características históricas são a fragmentação territorial, os ciclos econômicos e as emancipações.

A cidade de Nova Iguaçu, desde a sua fundação, nas proximidades do porto Iguaçu passou à condição de vila-sede às margens da estrada de ferro e, depois se consolidou como importante cidade dentro do contexto socioeconômico de comércio e serviços para a capital do Rio de Janeiro. Com um distrito central de negócios praticamente autônomo e bem desenvolvido, mas em menor proporção que a metrópole.

A cidade reflete a ausência da gestão pública desde o início de sua formação consolidando, assim, uma estrutura urbana irregular e precária. Os núcleos populacionais se expandiram de forma desordenada, sem infraestrutura básica e gerou um processo de segregação sócio espacial, que ainda persiste, mesmo com a transformação urbana pela qual vem passando.

Uma cidade, que ao longo de sua história de diversas centralidades reorganizou sua estrutura sócioespacial e econômica e está diante de um novo fenômeno urbano, difícil de avaliar, justamente por registrar mudanças que são descritas por pesquisadores e estudiosos, amantes das tendências, que ocorrem na urbanização das cidades e das metrópoles.

Nova Iguaçu seguindo essas tendências urbanas apresenta um processo contínuo e dinâmico de formação que irá, possivelmente, de acordo com os valores dos grupos sociais que ali se encontram compor uma sociedade urbana pertencente a um modelo de urbanização contemporânea.

É mais uma nova configuração do espaço urbano da cidade que afirma a sua condição sócioespacial de reestruturação da forma urbana com o surgimento de “parcelamentos horizontais cercados”, segundo discursos de Soja (2006) sobre os fenômenos da Pós-metrópole.

Nos últimos anos percebe-se em Nova Iguaçu um processo de urbanização que reestrutura não só o seu núcleo urbano, como também as suas áreas mais afastadas. A periferia de Nova Iguaçu apresenta-se em franca expansão, onde o rural cede o lugar à espacialidade urbana.

Em relação ao processo de urbanização sofrida, no entorno da cidade, a malha urbana se delinea em novas formas, que não chegam a constituir cidades, mas que se organiza de maneira fragmentada, à medida que o espaço econômico e social se aprofunda em articulações múltiplas, mantendo estreita interdependência com os instrumentos de gestão da área central.

O contexto social iguaçuano faz com que esses grupos sociais em sua afirmação pelo espaço desenvolvam formas urbanas diferenciadas onde possam adquirir o direito à cidade, evidenciando uma mudança do espaço e incorporando a ele características advindas da metrópole somadas as da região.

Dessa forma, essas intervenções contemporâneas, em Nova Iguaçu, trazem ao espaço urbano um planejamento que contempla interesses de alguns grupos em detrimento de outros, de menor poder aquisitivo, no processo de gestão do espaço. O que se observa é uma cidade segregada entre ricos e pobres. Esses grupos se apropriam dos espaços e os modificam, transformam, renovam materializando um espaço que não constitui uma cidade, mas que se manifesta dentro do imenso território iguaçuano.

Sem querer afirmar os rumos desse fenômeno que está ainda, em curso, a cidade de Nova Iguaçu, dado o seu contexto histórico-geográfico, de diversas centralidades e transformações urbanas tem as diversas formações sociais refletidas na cidade, que sofrem variações de acordo com os ideais dos grupos sociais existentes.

Os estudos sobre esse fenômeno não se esgotam ainda, pois é um assunto recente, que precisa ser mais discutido e melhor analisado, entendendo que, no Brasil, as Exópolis têm as suas características que podem ser incorporadas ou não às de outros países.

Caberão análises futuras quanto a esse fenômeno urbano, que certamente tenderá a novas formas não sendo um fim em si mesmo. Esse estudo apenas teve a intenção de discutir as ideias sobre o fenômeno urbano em curso na cidade de Nova Iguaçu, que Simões (2006) tratou como Exópolis, segundo o discurso de Soja (2000).

Nova Iguaçu apresenta uma dinâmica urbana tão complexa, que os fenômenos urbanos, em curso na cidade, sofrerão variações e promoverão novas discussões e ideias sobre as transformações urbanas. O que se pode constatar é que, com referência aos discursos de Soja (2000) sobre a Pós-metropole, Nova Iguaçu é um marco referencial para outros estudos urbanos que estão por vir, sobre cidades interioranas que passaram por uma intensa fragmentação.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Nelson. **Os caminhos de Iguassu.**

Disponível em: [www.historia.uff.br/curias/modulos/tinydo/index.php?id=12](http://www.historia.uff.br/curias/modulos/tinydo/index.php?id=12).

Acesso em Jul/ 2013

BARROS, Ney Alberto de. **Baixada 500 anos.**

Disponível em: [www.ipahb.com.br](http://www.ipahb.com.br). Acesso em Jul/2013

BIBLIOTECA DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.

Disponível em: [www.biblioteca.ibge.gov.br>indic\\_sociais2010](http://www.biblioteca.ibge.gov.br>indic_sociais2010)

Acesso em; Jan/2015

BILIBIO, Carolina. **Pensando gestão rural e o continuum rural-urbano.**

Disponível em: [www.lacarlosrevisoradeportugues.blogspot.com>colunajornaldasmissoes2013](http://www.lacarlosrevisoradeportugues.blogspot.com>colunajornaldasmissoes2013)

Acesso em: Mar/2014

CHIES, Claudia. **Reflexões sobre os conceitos de rural e urbano: impacto nas políticas públicas brasileiras.**

Disponível em: [www.mauroparolim.pro.br.trabalhos/chies-pdf](http://www.mauroparolim.pro.br.trabalhos/chies-pdf).

Acesso em: Mar/2014

CRIVELLO, Natalia Azevedo. **Memórias e imagens: Transformações na cidade perfume (1930-1940).**

Disponível em: [www.encontro2012.historiaoral.org.br](http://www.encontro2012.historiaoral.org.br). Acesso em Jul/2013

ENNE, Ana Lúcia; Diniz, Belina Peppe. **Justiceiros de ontem e de hoje.**

Disponível em: [www.revistadehistoria.com.br/artigos](http://www.revistadehistoria.com.br/artigos)

Acesso em: Jun/2015

FOLHA UOL. **Alphaville ou são Paulo?**

Disponível em: [www.folhauol.com.br](http://www.folhauol.com.br)

Acesso em: Ago/2013

LIMONAD, Ester. **Os lugares da urbanização: O caso do interior fluminense.**

Disponível em: [www.teses.usp.br>tde\\_27042005\\_164218](http://www.teses.usp.br>tde_27042005_164218). Acesso em Set/2013

LINS, Hoyêdo Nunes. **Cidades fractais: a ilha da magia e seus alquimistas.**

Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/rpe/article/viewFile/7391/5364>. Acesso em Set/2015

MAIA, Priscila N. Fraga. **A cidade (re) partida: Um breve estudo sobre as emancipações da cidade de Nova Iguaçu e a formação da região da baixada fluminense.**

Disponível em: [www.apdr.pt>congresso>pdf](http://www.apdr.pt>congresso>pdf). Acesso em: Set/2013

MOTTA, Cristiane. **Projetos áreas de revitalização econômica e o novo modelo de governança urbana via mercado.**

Disponível em: [www.observatoriodasmetrolopes.ufri.br](http://www.observatoriodasmetrolopes.ufri.br)

Acesso em Agosto/2015

MOTOKI, Akihisa. **Feições intempéricas em rochas alcalinas félsicas de Nova Iguaçu, RJ.**

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rem/v60n3/v60n3a03>

NIGRA, Dom Clemente M. da Silva (OSG). Revista do IPHAN n° 7, ano 1943.

Disponível em: [docvirt.com>wipagina>reviphan](http://docvirt.com/wipagina/reviphan). Acesso em Mar/2014

NOVA IGUAÇU, CÂMARA MUNICIPAL DE. **Nova Iguaçu: potencialidades.**

Disponível em: [www.cmni.rj.gov.br/nova\\_iguacu/potencialidades](http://www.cmni.rj.gov.br/nova_iguacu/potencialidades) Acesso em: Jul/2015

NUCLEO INTERDISCIPLINAR DE MEIO AMBIENTE. **Lei orgânica municipal de Nova Iguaçu, câmara municipal de Nova Iguaçu/RJ. 2010**

\_\_\_\_\_. **Livro de educação ambiental-PUC-RJ. 2010**

Disponível em> [www.nima.puc-rio.br>novaiguacu2010](http://www.nima.puc-rio.br/novaiguacu2010)

NUNES, Carla Cristiane. **Campo, cidade, urbano e rural: categorias e representações.**

Disponível em: [www.uff.br>vsinga>trabalhos](http://www.uff.br/vsinga/trabalhos). Acesso em Set/2013

OJIMA, Ricardo. **O estigma de morar longe da cidade.**

Disponível em: [www.cadernosmetropole.net](http://www.cadernosmetropole.net) - spv12n°24

OZÓRIO, Elaine Cristina. **O processo de (re) produção do espaço urbano na cidade de Nova Iguaçu (1990-2007)**

Disponível em: [www.ippur.ufri.br](http://www.ippur.ufri.br). Acesso em Nov/2014.

PACÍFICO, Alan. **Os planos diretores (1997-2008) da cidade de Nova Iguaçu: uma análise do (re) ordenamento territorial do município e a questão rural.**

Disponível em: [www.cchla.ufrn.br>cnpp>pgs>anais](http://www.cchla.ufrn.br/cnpp/pgs/anais). Acesso em Maio/2013.

PRATA, Maria Catharina Reis Queiroz. **Engenheiros militares do império: atuação e intervenção no espaço urbano de Campos dos Goytacazes.**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense

RIO DE JANEIRO, CENTRO ESTADUAL DE ESTATÍSTICAS, PESQUISAS E FORMAÇÃO DE SERVIDOSRES PÚBLICOS DO ESTADO DO.

Disponível em: [www.ceperj.rj.gov.br](http://www.ceperj.rj.gov.br)

Acesso em Jul/2015

RIO DE JANEIRO (Estado), Tribunal de contas. **Estudo socioeconômico dos municípios do Rio de Janeiro. 2014.**

Disponível em: [www.tcerj.rj.gov.br](http://www.tcerj.rj.gov.br)

Acesso em Jun/2014

RODRIGUES, Adriano Oliveira. **De maxambomba à Nova Iguaçu (1833-1990) economia e território em processo.**

Disponível em: [www.livros01.livrosgratis.com.br/cp148375.pdf](http://www.livros01.livrosgratis.com.br/cp148375.pdf). Acesso em Maio/2013

SANTOS, Cristiane Assumpção. **Eixo: Meio ambiente e utópica urbana: A Via Light e a queda dos muros em Nova Iguaçu.**

Disponível em: [www.upcommons.upc.edu/revistas/bitstream](http://www.upcommons.upc.edu/revistas/bitstream). Acesso em Agosto/2013

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. 2014

Disponível em: [www.sebrae.com.br](http://www.sebrae.com.br)

Acesso em: Abril/2015

SILVA, Lucia Helena Pereira da. **De recôncavo da Guanabara à baixada fluminense: leitura de um território pela história.**

Disponível em: [www.uniabeu.edu.br/silva](http://www.uniabeu.edu.br/silva). Acesso em: Maio/2013

SIMÕES, Manoel Ricardo. **A cidade estilhaçada: reestruturação econômica e emancipações municipais na baixada fluminense.**

Disponível em: [www.bdttd.ndc.uff.br/tde\\_arquivos/25t](http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde_arquivos/25t)

Acesso em: Acesso em Jan/2013

SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES SOBRE SANEAMENTO.

Disponível em: [www.snis.gov.br](http://www.snis.gov.br)

Acesso em Jul/2015

SITE SUA PESQUISA.COM. **Neoliberalismo.**

Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/geografia/neoliberalismo.htm> Acesso Set/2015

SOJA, Edward William. **Postmetrópolis: Estudios críticos sobre las ciudades y las regiones.**

Disponível em: [www.traficantes.net/sites/default/pdf/postmetropolis-Tds.pdf](http://www.traficantes.net/sites/default/pdf/postmetropolis-Tds.pdf)

Acesso em: Jun/2015

VICENTE, Edson Borges. **Nova Iguaçu, cidade mãe: do nascimento de iguassu à gestão de Iguaçu nova em uma abordagem geográfica.**

Disponível em: [www.geoeducador.xpg.uol.com.br/artigo/edson](http://www.geoeducador.xpg.uol.com.br/artigo/edson)

VIVA FAVELA. 2014

Disponível em: [www.vivafavela.com.br](http://www.vivafavela.com.br)

Acesso em: Jun/2015

ZANOTELLI, Claudio Luiz; Ferreira, Francismar Cunha. **Impactos socioambientais e fragmentação urbana dos loteamentos Alphaville.**

Disponível em: [www.periodicos.ufes.br/sinais/artigos](http://www.periodicos.ufes.br/sinais/artigos)

Acesso em: Agosto/2013

